

FRANCISCO VIANNA

LEITURAS

INFANTIS

**PRIMEIRO LIVRO**

LIVRO APPROVADO E MANDADO ADOPTAR NAS  
ESCOLAS PUBLICAS DOS ESTADOS DE SÃO PAULO,  
DE MINAS GERAES E DO ESPIRITO SANTO

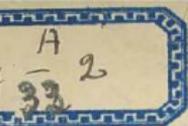
9.<sup>a</sup> EDIÇÃO



LIVRARIA FRANCISCO ALVES & C.  
RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO  
RUA DE S. BENTO, 65 — S. PAULO  
RUA DA BAHIA, 1055 — BELLO HORIZONTE

1911

LL  
1911  
FUR



00020809

f

FRANCISCO GARCÍA  
C. No. 2

# LECTURAS INFANTES

C. N. 3  
C. N. 3

PRIMEIRO LIVRO

O. R.

C. N. de 2

— DE —

# LEITURAS INFANTIS

POR

*Duplicado del  
Nº 23605*

**Francisco Furtado Mendes Vianna**

LENTE DO GYMNASIO ESTADUAL DE CAMPINAS, EX-PROFESSOR DA ESCOLA MODELO  
E DA 2.<sup>a</sup> ESCOLA COMPLEMENTAR DA CAPITAL

*Livro approved e mandado  
adoptar em todas as escolas  
publicas pelos Governos dos  
Estados de S. Paulo, Minas  
Geraes e do Espirito Santo.*

1811

9.<sup>a</sup> EDIÇÃO



**LIVRARIA FRANCISCO ALVES & C.**

Rua do Ouvidor, 186 — RIO DE JANEIRO

Rua de S. Bento, 65 — S. PAULO

Rua da Bahia, 1055 — BELLO HORIZONTE

**1911**

Biblioteca Nacional de Maestros



A' MEMORIA

DE

**Seus Paes**

*consagra*

*© auctor*

## LEITURAS INFANTIS

(Série de livros de leitura corrente)

---

**Francisco Vianna e Miguel Carneiro Junior**—Leitura Preparatória (para logo depois da cartilha).

**Francisco Vianna** — Primeiro Livro

»       »   — Segundo       »

»       »   — Terceiro       »

»       »   — Quarto       » (em preparação)

### FRANCISCO VIANNA

Novo methodo de Calligraphia Vertical em 6 cadernos.

Novo methodo de Calligraphia Americana em 6 cadernos.

## PREFACIO

---

Na presente série de livros de leitura corrente, afastei de todo a preocupação commum de aproveitá-las para ir ministrando ás creanças algumas das noções habitualmente chamadas scientificas e praticas.

Tenho observado que os livros escriptos com tal intento falham duplamente ao seu destino: 1.º porque as creanças aproveitam muito pouco das noções que elles contêm, a ponto de ser-lhes, em geral, mais proveitosa a menos perfeita explicação do mestre que a mais lucida exposição do livro de leitura; 2.º, e principalmente, porque as creanças, quer por não acharem attractivo algum em taes assumptos, quer por não poderem apreendel-os immediatamente, fazem uma leitura fria, sem a menor attenção e comprehensão, donde uma falta total de expressão. Taes livros, segundo meu modo de ver, devem ser banidos das aulas de leitura corrente, sobretudo nos tres primeiros annos.

Claro é, portanto, ante as considerações acima expostas, que eu não podia deixar de cahir nos contos e historias. Assim foi e, na verdade, são estes assumptos, que, em geral, por mais accessiveis á rudimentar intelligencia daquelles a que se destinam e, mórmente, por se acharem mais de accordo com as propensões infantis, melhor se prestam ao ensino da leitura corrente, porque exprimimos bem aquillo que concebemos e sentimos bem. As creanças realmente fazem seu mundo consistir em puras manifestações do sentimento. Levadas por uma imaginação ainda não soffreada por falta de observações e theorias, que a subordinem ao mundo exterior, manifestam, desde a mais tenra idade, uma enorme predilecção pelas historias, pelos contos, por mais absurdos e phantasticos que sejam. E é de ver-se que as pessoas ignorantes, neste particular verdadeiras creanças, maugrado a idade, conservam indefinidamente essa predilecção, como tão bem o observamos no accentuado prazer que revelam pelos romances, mórmente pelos de grandes lances sentimentaes e de intrincado enredo.

Mas, comprehende-se bem que, ao escrevermos taes livros, não podemos e nem devemos subordinal-os exclusivamente ao gosto das creanças. Toda a leitura, qualquer que seja, exerce uma certa reacção sobre quem a faz, pois, como demonstrou A. Comte, nada ha de indifferente ao sentimento. Assim sendo, convem aproveitar em taes lições de assumptos que concorram para a formação de seus sentimentos e de seu character, em summa de seu moral.

Isto só se pôde obter desenvolvendo o altruismo e comprimindo o egoismo.

Esta orientação é seguida por varios livros de leitura. A forma, porém, que elles apresentam, resultante de uma preocupação excessiva de dar preceitos moraes, torna com frequencia taes obras contraproducentes.

A creança deve, tanto quanto possivel, adquirir a moral pelo exemplo, pela pratica, sobretudo no lar, e nunca formulada em preceitos, cuja abstracção e laconismo repugniam em geral ao espirito infantil.

Foi, portanto, subordinando-me a este modo de pensar, tentando dar a moral por factos e não por preceitos, em historias nas quaes procurei ser bem parco de conselhos formulados explicitamente, comquanto o mais abundante possivel de ensinamentos implicitos, que escrevi estes despretenciosos livrinhos.

Cumpr-me por fim lembrar que os melhores livros de leitura (e estes não se presumem taes) não eximem o mestre do mais largo commentario, sem o qual muitas vezes ficariam inefficazes as suas melhores paginas.



## A TALHA

— Não, senhor. Hei de ser o primeiro a tirar!

— Não ha de ser!

— Hei de, já lhe disse, *seu* grandalhão!

— Pois não ha de, *seu* pirralho?

— Largue da torneira!

— Não largo; largue você, si quiser, que eu daqui não saio.

— Pois viro a talha para cá.

— Quero ver?

Era isto o que diziam dois meninos, junto de uma talha.

Ambos tinham posto a mão ao mesmo tempo sobre a torneira. E

nenhum queria deixar o outro beber em primeiro lugar.

Já se vê que não podiam ser bons alumnos, pois não sabiam ser delicados com os collegas.

Ora, tanto o maior quiz voltar a talha para o seu lado e tanto o menor tentou impedil-o, que a talha virou sobre a mesa de pedra marmore em que estava. De barro, como era, fez-se em cacos, deixando o maior, que a havia puxado com violencia, molhado da cabeça aos pés.

E agora!

O porteiro da escola, ouvindo aquelle estardalhaço todo, correu apressado, indo encontrar o menino, como si houvesse sahido de um banho.

Foram ambos conduzidos á presença do Director.

Ao sahirem do gabinete deste, cada um levava dois bilhetinhos; um ao professor da classe, outro ao pae.

No primeiro mandava que o menino fizesse uma descrição do que acontecera para ser lida em classe.

No segundo pedia aos paes que mandassem substituir a talha quebrada.

## AS BÔLHAS DE SABÃO

### I

Marieta e Gonçalo achavam-se uma tarde á janella, quando viram um vi-

zinho seu estar fazendo bôlhas de sabão.



Antes tinham visto o menino cortar sabão grosso numa porção de pedacinhos, pol-os dentro de uma vasilha com agua e agital-a bem.

Para fazer a bôlha, molhava a ponta de um canudinho de papel e soprava pela outra extremidade.

Quando a bôlha já estava bem grande, quasi como uma laranja, cessava de soprar. Ella desprendia-se do canudinho, voava um pouco e por fim rebentava.

Ora, mal o Gonçalo viu o vizinho fazer as primeiras bôlhas, foi buscar um pequeno alguidar, sabão e agua. Dirigiu-se ao quintal. De um gomme de varinha de bambú, arranhou um canudinho e começou tambem a fazer suas bôlhas.

Mas estas rebentavam logo ou desprendiam-se pequeninas.

Sua irmãsinha Marieta foi menos apressada. Poz-se a observar com attenção como o menino fazia as bôlhas. Notou que elle a enchia muito de vagarinho, para dentro da janella e que só quando a bôlha estava bem grande, é que elle a despren-

dia, sacudindo delicadamente o tubo, e, então, a soprava para fóra.

Quando ella foi buscar o que era preciso, já tinha aprendido como fazel-as. Mostrava assim saber que para tudo é necessaria uma certa observação.

## AS BÔLHAS DE SABÃO

### II



Assim, Marieta, em vez de ir para o quintal, como fizera seu irmão, chegou uma mesinha para junto da janella e sobre ella collocou a vasilha com a agua de sabão.

As suas bôlhas saham grandes e coloridas pelos

raios do sol, que se ia deitando, e subiam vagarosamente até rebentarem.

Marieta, para quem aquelle divertimento era novo, batia palmas satisfeitissima.

E o Gonçalo, que não tivera paciencia de observar?

Queria fazer bolas muito grandes. Por isso, enchia demais as bochechas; depois, não podendo graduar o sôpro, este sahia com força e *paft!* rebentava a bôlha.

Alem disso, fôra para o quintal, onde havia vento.

Marieta foi chamal-o, para elle ver as bonitas bôlhas, que ella estava obtendo.

Encontrou o pobre do Gonçalo com a agua quasi acabada, vermelho como um pimentão e suando em bicas. Não conseguira fazer subir uma só bôlha.

— Este sabão não presta, disse elle.

— Presta, sim, Gonçalo. Vem cá dentro, que eu te ensino.

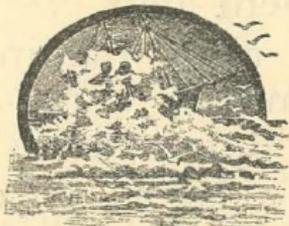
— Qual ensina o que, Marieta! Isto, então, lá se precisa aprender?

— Precisa, sim. Vem cá. Eu tambem aprendi com o menino lá da frente, vendo bem como elle as fazia.

Marieta, conseguiu afinal que Gonçalo a acompanhasse.

Logo depois elle soltava uma bôlha quasi do tamanho das bochechas, que antes enchia inutilmente.

— Ora esta, Marieta! confessou elle. Até para brincar a gente precisa aprender e ter paciencia!





## O INCONTENTAVEL

Alvaro e Roberto estudavam quando bateram á porta da rua. Alvaro foi ver quem era.

— O Snr. Castro está? perguntou-lhe um velho.

— Não, senhor, respondeu o menino.

— E sua senhora?

— Tambem não.

— Pois, meu menino, fiz uma longa viagem para visital-os. Por isso, vou esperar que voltem.

— Faça o favor de entrar, disse Alvaro, abrindo-lhe a sala de visitas,

tomando-lhe a bengala e o chapéu, para collocal-os no porta-chapéus.

O velho sentou-se e começou a conversar com Alvaro, dizendo que conhecia muito o Snr. Castro e a senhora. Perguntou-lhe sua idade, o que estudava, em que brincava e si tinha irmãos. Alvaro chamou Roberto. Este, depois de cumprimentar o velho, sentou-se bem direitinho.

— E você, também brinca muito?

— Brinco, sim, senhor; porém, isso é mais com o Alvaro, que não quer sahir do velocipede.

— Ah! tem, então, uma bicycleta?

— Qual o que, respondeu, o Alvaro. Tenho um velocipedesinho muito ordinario, que não presta para nada. Mas, agora mesmo, pouco antes do senhor entrar, trouxeram uma bicycleta bonita e boa! Como é de menino, é com certeza algum presente para nós.

— Então, o seu velocipede não presta?

— Não presta mesmo. O tio que m'ò deu é uma sovina...

— Alvaro, interrompeu Roberto não diga isso de Titio!

— Ora, digo, sim. E' um sovina mesmo. Não sei como não teve vergonha de mandal-o.

— Talvez não pudesse mandar melhor...

— Podia, sim; ganha bastante.

— Sim?! perguntou-lhe o velho. Mas você sabe que elle é sovina?

— Eu nunca o vi; nunca veiu cá. Com certeza não era capaz de mandar uma bicycleta como a que chegou. Aquillo sim! mas sovina não compra daquillo!

— Alvaro! Alvaro! Papae havia de ficar zangado... Eu fiquei bem contente com o jogo de bolas, que Titio me mandou.

Mal Roberto concluiu estas phrases, seu pae, entrando com sua senhora, foi cahir nos braços do velho.

— Oh, meu irmão, você por aqui! que milagre! Quantos annos ha que não nos vemos!

Alvaro queria sumir-se naquelle instante.

O irmão do Snr. Castro nada lhe contou da conversa que tivera com Alvaro. Apenas, mais tarde, disse:

— Tinha trazido a bicycleta para os dois; mas, como percebi que Alvaro tem medo de cahir, faço presente della ao Roberto.

Alvaro resignou-se a ficar á mercê da bondade de seu irmão.





## O CARRINHO

### I

O padrinho do Arnaldo, um pequeno de seus cinco annos, fizera-lhe presente de um carrinho de mão.

Tinha a fôrma dos que usam os serventes de pedreiro para o transporte de tijolos, argamassa, rebôco, areia, etc.

— Ah! este é de pedreiro! exclamou Arnaldo satisfeitissimo.

— Não, Arnaldo. Não é dos de pedreiro, respondeu-lhe o padrinho. E' muito fraco para carregar tijolos.

Carregue só cousas leves, si não elle póde quebrar-se.

— Nem o Juquinha?

— Nem o Juquinha. Um gorducho daquelle! apesar de ter apenas tres annos, já pesa bastante.

— E de vagarinho, bem de vagarinho?

— Nem de vagar; o eixo é muito fraquinho.

— Vou ter muito cuidado, Padrinho.

Arnaldo, desde então, quasi não largava o carrinho.

Seu pae comprou-lhe ferramentas de jardineiro, proprias para creanças.

Como na casa havia uma excellente horta e um bello pomar, Arnaldo escolheu um lugar para fazer um canteirinho seu.

Transportou a terra no carrinho e, com a enxada, o ancinho e a picareta, fez o canteiro.

Plantava neste ervilha, feijão, cebola, alface. Mas nada crescia, porque o Arnaldo, de vez em quando, arrancava o pésinho da planta, para ver de que tamanho estava a raiz.

E com o canteiro e o carrinho entretinha-se horas inteiras.

## O CARRINHO

### II



Uma outra cousa de que o Arnaldo gostava muito era fingir-se vendedor de hortaliças e fructas. E imitava muito bem o modo de apregoar dos fructeiros e verdureiros.

Certa tarde, estava elle com umas quatro batatinhas no fundo do carrinho, a andar de um lado para outro, gritando: *Batatinhas, freguez! Bem boas, a trezentos réis o litro!* quando seu pae o chamou.

— Arnaldo, vae levando no teu carrinho estas maçãs para mamãe,



emquanto eu vou arranjar aquelles maxixes na latada.

Arnaldo deixou as batatinhas no fundo do carrinho e sobre ellas foi collocando as maçãs. Estas eram muitas.

O pae do Arnaldo, vendo de longe que elle estava querendo levar todas de uma só vez, recommendou-lhe:

— E' melhor lebares em duas viagens.

— O carrinho aguenta, Papae.

— Vê lá si vaes quebral-o.

Arnaldo carregou todas as maçãs. Experimentou e viu que elle era capaz de aguentar com o peso de todas.

E começou a empurrar o carrinho.

Si o terreno fosse bem lizo, tudo iria muito bem: mas havia buracinhos, havia altos e baixos.

De repente, a roda da frente, muito fraquinha, ao esbarrar com



uma saliencia, torceu-se: os raios partiram-se e todas as maçãs foram ao chão.

Arnaldo pensou comsigo, coçando a cabeça:— Bem Papae me avisou. Agora não ha de mais ser preciso elle dizer-me—*Faça assim*. Quando dissér que—*Acho melhor*, eu farei como si fosse uma ordem.



## COMO CAE UM GATO... E UM MENINO



Contou José ao Renato,  
Que era mestre em diabruras,  
Que os gatos caem de pé,  
Mesmo de grandes alturas.

« Olhe, outro dia eu passava »  
« Por junto de um quarto andar »  
« E um gato cahiu de cima »  
« Em pé e se poz a andar. »  
— « Tenho cá as minhas duvidas, »  
Lhe retrucou o Renato,

«Mas hei de experimentar»

«Em casa com o nosso gato.»

Era um bichano mimoso

A que elle tinha amizade,

Mas tambem queria muito

Conhecer si era verdade

O que lhe havia contado

O seu amigo José.

«— Ora pois, vou ver si um gato »

«Cae sempre mesmo de pé!»

«Por precaução eu agora »

«Do muro te vou largar.»

«Bem sei que tu podes bem »

«De tal altura pular.»

«Mas é que eu te vou soltar »

«Virando ao ar tuas patas.»

«Cuidado vê como caes!»

«Si não ás costas achatas!»

Trepou em cima do muro,

Levando ao braço o gatinho.

Equilibrou-se e cuidou

De soltar o pobresinho.

O gato cahiu de pé

E Renato poz-se a rir;

Mas esquecendo onde estava,  
Foi do outro lado cahir.  
Depois de erguer-se do chão,  
Com os ossos bem machucados,  
Põe-se Renato a pensar:  
Cheguei a dois resultados:  
«Que um gato, ao tombar do alto,»  
«Bota-se logo a correr;»  
«Mas que a gente, quando cae,»  
«Fica com o corpo a doer!»

## O GRAPHOPHONE

### I



O Trajano, um pequenito de cinco annos, tinha vindo da roça passar uns dois mezes em casa de uma tia.

Vinha tomar banhos de mar, para se fortalecer, pois tinha estado bem doente.

Poucos dias depois de chegar, foi, com a sua priminha Esther, á sala de visitas.

Trajano viu nesta um graphophone.

— Oh, que cornetona! exclamou elle, vendo o porta-voz. Para que é, Esther? Vamos tocar com ella?

— Não. Esta corneta é para um homem, que está ahí dentro, falar e cantar.

— Como é que elle se chama?

— Snr. Graphophone.

— *Sinhô Garfofon*

— Gra-pho-pho-ne, repetiu a menina, syllaba por syllaba.

— E elle não canta agora?

— Si eu mandar, elle canta.

— Mande, Esther; quero ouvir. Isso é mentira: ahí não tem homem nenhum!

— Não tem?! Pois você vae ver. Senhor Graphophone—disse a menina, chegando a bocca junto á columna, sobre a qual estava o aparelho, e .

movendo com o dedo uma pequena mola—cante para o Trajano escutar.



O graphophone poz-se a cantar um trecho do *Guarany*.

Trajano tomou um sustão. Depois fez gesto de quem ia falar.

— Psiu! Psiu!  
Si não, elle se

cala, disse-lhe a prima, pondo o dedo indicador na bocca.

E Trajano foi escutando com uma carinha meio alegre e muito admirada.

Quando a musica estava quasi terminando, Esther foi chamada por sua mãe para estudar.

Trajano tambem sahiu, dizendo-lhe:  
— Pensei que fosse mentira de você.

## O GRAPHOPHONE

### II



Como Trajano ainda não cuidava de estudos, voltou sósinho á sala alguns instantes depois.

— Eu queria bem ouvir cantar mais. Mas como é mesmo que elle se chama? Não me lembro mais... Garrafão? Não, garrafão não é. Garrafão é... garrafa grande. Ah! já sei...

— Senhor Garfon... Grafon... Grafonfão... senhor cousa que canta, vamos, cante! disse elle, chegando a bocca á columna, como tinha visto Esther fazer.

Esperou: nada. O graphophone ficou mudo.

— Ah, já sei! disse comsigo o menino. Elle não gostou do meu

modo de pedir. Vou pedir com mais jeito.

— *Seu* homem! faça o favor de cantar.

Nada.

— O' maroto! berrou zangado o Trajano, que era muito bravinho. Cante já, si não lhe metto um murro.

O mesmo silencio.

O Trajano ficou *onça*. Andou de um lado para outro e pensou:

O homem com certeza está dentro da columna. Ha de ser pequenino. De genticinha do meu tamanho, não tenho medo.

— Cante já, já, ou você apanha!

Ora, é muito claro que os graphophones cantam, mas não ouvem. Por isso, Trajano não foi satisfeito.

— Pois eu tiro você dahi de dentro e lhe prego uma sova, *seu* malcreado! Você faz o que Esther manda e não me obedece?

O menino préga, então, um empurrão na columna. Esta, leve como era, vira e o graphophone vae ao chão com um grande ruido.

Trajano espantado descobre que a columna era ôca.

Sua tia, que correra ao barulho, perguntou-lhe porque fizera aquillo. Elle contou tudo, dizendo ao terminar:

— Mas, Titia, não havia homem lá dentro. Então, quem foi que cantou?

A senhora explicou-lhe tudo.

— Agora, Titia, tornou o brejeiro do Trajano, castigue Esther que me enganou. Si não fosse ella, eu não brigaria com o... com o... o... Como é mesmo o nome daquella historia?

— Graphophone, Trajano

— E', disse o menino, cuja lingua não podia pronuncial-o, com isso. Eu não brigo com as cousas.

— E nem deve brigar com ninguém, mesmo com gentinha de seu tamanho, tornou a tia.



## O CAVALLO E A BONECA

### I

Rubens possuía um grande cavallo de brinquedo.

Era tal qual um cavallo de verdade. Tinha todos os arreios, sella, manta, redeas, cabresto, freio, estribos, tudo, em summa. As patas do cavallo estavam pregadas a uma prancha com quatro rodas.

Como o seu quintal era um pouco inclinado, Rubens montava no cavallo e deixava-o rodar desde a parte mais alta até o muro do fundo.

Sua irmã, a Rosalia, apesar de menina, era bem mais travessa que

elle. Todas as vezes que montava no cavallo, punha-se a gritar—*Upa! Upa!* e a saltar em cima d'elle, para imitar que estava seguindo o trote.

Diversas vezes já o mano a avisára de que ella ainda acabaria quebrando as rodas.

Ora, um dia succedeu ainda peor; Rosalia deu um pulo tão forte, que o couro da barriga do cavallo abriu-se de meio a meio. Em vez de sangue, começou a escoar o farello de que estava cheia.

A menina, meio contristada, foi pedir ao irmão que lhe perdoasse. Rubens, que era muito genioso, zangou-se extremamente. Mas, com grande pasmo della, dahi a instantes socegava.

— Estás ficando muito bomzinho, Rubens! Tu me perdoas, não?

— Pois sim! respondeu elle, de uma fórma que se não podia saber si elle perdoava ou si não.



## O CAVALLO E A BONECA

### II

Bem Rosalia se espantára.

Dahi a alguns minutos, o menino, com um martello, quebrava a cabeça da mais bella boneca de Rosalia. Depois, juntando os cacos e o corpo da boneca, atirou-os aos pés da maninha:

— Olho por olho, dente por dente: furaste a barriga do meu cavallo; rebentei a cabeça da tua bruxa.

Os olhos da menina encheram-se de lagrimas.

— Máu! Eu fiz sem querer! Nunca seria capaz do que fizeste!

— Pois sim! tornou o irmão. Eu que acredite!

— Mesmo assim eu te perdôo.

Alguns instantes depois, justamente quando Rubens, era repreendido por sua mãe, entrou um criado com uma bandeja repleta de immensas e negras jaboticabas. Era um presente para Rosalia.

— Teu castigo Rubens, disse a senhora, além de eu ficar zangada contigo, vae ser não comeres destas jaboticabas.

Rosalia ouviu-a muito séria. Quando, porém, lhe trouxeram um prato, para ella chupar algumas, approxiou-se e pediu á sua mãe:

— A Senhora dá-me licença de eu não comer as jaboticabas?

— Que milagre! Estás, por acaso, doente?

— Não, Mamãe; é que o Rubens não comendo, não posso comel-as com prazer.

Rubens correu para ella e beijou-a.



— Eu sou tão máu quanto és boa! Tu me perdôas, Rosalia?

E, como quiz mostrar que não fôra desculpar-se por causa de gulodice, não quiz tambem, apesar do consentimento

da mãe, comer nem uma só jaboticaba.

O mesmo fez a irmã.

Prometteram-se ambos não mais fazer cousa igual, uma tendo mais cuidado, outro deixando de ser vingativo

Na sobre-mesa, entre gostosas risadas, as jaboticabas, que estavam saborosas, escorregaram em grande numero pela guela dos dois.



## POR CAUSA DA BOLA

A mãe de Adelino não deixava que elle e o seu sobrinho Camillo estudassem depois do almoço. Por isso, até ao meio dia elles brincavam.

Um dia, tendo ella precisado fazer umas compras, deixou os dois em casa.

Os meninos foram para o quintal divertir-se com uma bola de borracha, á sombra de umas mangueiras.

Puzeram-se a jogar uma especie de *foot-ball* de duas pessoas, que elles proprios tinham inventado. Camillo, estando nesse dia muito agil, ganhou uma porção de vezes.

Adelino, zangando-se com isso, correu ao quarto de seu pae e atirou a bola sobre o guarda-casacas.

Camillo nada lhe disse. Foi buscar uma escadinha, encostou-a ao moveel e subiu.

Quando elle tirou o pé do ultimo degráu, o primo retirou a escada e levou-a para a dispensa.

Camillo pediu, implorou, chorou para que Adelino lhe trouxesse de novo a escada. Qual! este ultimo sahio, deixando-o empoleirado como um macaco.

De nada valeram a Camillo os seus berros, pois a cozinheira era completamente surda. Tanto chorou que afinal adormeceu.

Algum tempo depois despertou e animou-se, pendurando-se com as mãos, a descer.

Dirigiu-se á sala, quando ouviu o Adelino, que estudava, exclamar:

— Não posso acertar esta maldita conta de sommar! Vou brincar

no quintal. Talvez eu venha com a cabeça mais fresca.

Assim que elle sahiu, Camillo entrou, fez a somma e escondeu-se atraz de uma porta.

Quando Adelino voltou, viu que seu primo lhe tinha feito a conta certinha. Ficou muito envergonhado e abraçou Camillo, ao qual desde então procurou imitar.

---

## A CORRIDA

### I



Os tres melhores alumnos do collegio do Snr. Visitação era o Godofredo, o Alarico e o Luiz.

Eram os tres muito intelligentes, estudiosos e de um comportamento excellente. Mas, como Godofredo e Alarico tinham mais tempo para estudar, obtinham notas um bocadinho

superiores ás de Luiz, filho de paes muito pobres, aos quaes precisava auxiliar nos serviços domesticos.

Luiz não lhes tinha inveja; antes se alegrava com a figura bonita dos seus dois bons amigos. Os dois, por sua vez, não ficavam vaidosos por serem os primeiros.

Quando o anno já se approximava do termo, o Snr. Visitação avisou os seus discipulos de que, no encerramento dos trabalhos escolares, faria uma festinha. Entregaria, então, os premios aos melhores alumnos. Os tres primeiros premios seriam iguaes.

Como aquelles tres meninos eram os mais adeantados, todos os outros já sabiam que os tres premios lhes tocariam.

Haveria tambem um torneio de gymnastica. Este constaria de exercicios na barra-fixa, salto em altura

e em comprimento, movimentos com halteres e, finalmente, uma corrida.

Ora, Godofredo corria mais que Alarico, este mais que Luiz e qualquer um delles mais que os outros da escola.

De modo que o premio da corrida tambem devia tocar a um dos tres, provavelmente a Godofredo.

Luiz contou a este ultimo que seu pae estava poupando naquelles dois mezes, para mandar fazer a roupa com que elle deveria tomar parte na festa.

— Papae disse que quer muito ver-me ganhar a corrida. Diz que assim mostrarei ser agil. E que eu preciso ser agil, porque tambem vou ser campeiro. Mas, apesar do desejo d'elle, nada conseguirei. Vocês correm como lebres.

— Esforce-se, Luiz: ainda temos dois mezes de exercicios.

Mas, qual! Nesses exercicios, quasi sempre Godofredo chegava em primeiro lugar: o premio da corrida ia ser delle.

## A CORRIDA

### II



Chegou o dia do encerramento da escola.

Para assistirem á festa, lá se achavam os paes de quasi todos os meninos.

Quando a corrida ia começar, os paes de Godofredo e de Alarico communicaram que, além do premio destinado pelo Snr. Visitação ao vencedor, cada um delles daria tambem um, comtanto que não fosse ao proprio filho.

Ambos os meninos ouviram isto.

— Alarico, perguntou Godofredo baixinho, és mesmo muito amigo de Luiz?

— Sou. Elle e tu sois os meus melhores amigos. Porque?

— Pois, então, vamos perder a corrida. Faremos Luiz feliz, porque seu pae ficará contente.

— Está dito, acceitou Alarico.

Eram dez os meninos que iam correr. Quando o mestre deu o signal com uma bandeirinha, partiram como flechas. Pouco a pouco, porém, ficaram Godofredo adiante, logo após Alarico, um pouquinho mais atraz Luiz e os restantes na *bagagem*.

De todos os lados partiam vivas a Godofredo. Este, porém, fingindo esforçar-se, foi-se, deixando ficar para traz, até que Alarico o alcançasse. Alarico tambem foi-se atrazando um pouco até que, quando estavam quasi chegando ao poste final, Luiz, que se esforçava desesperadamente, alcançou-os, passou-os, indo chegar esfalfado em primeiro lugar.

— Viva! viva o Luiz! gritava a creançada.

Seu pae não se conteve: acotovelando uns e outros, chegou até Luiz e quasi o esmagou com um abraço.

Satisfeitissimos, fizeram-lhe o mesmo Godofredo e Alarico.

— Mas que foi isto? Como foi que vocês não me passaram?

— Ora! correste mais que uma ventania! respondeu Godofredo rindo-se.

Ouviu-se a voz do mestre:

— Na corrida: 1.º lugar, Luiz Mendes; 2.º, Alarico Silveira.

O generoso Godofredo deixára-se ficar em 3.º lugar.

## A CORRIDA

### III

Depois de concluidos os exercicios gymnasticos, o professor convidou todos os assistentes para irem a sala de aulas.

Ahi seria feita a entrega dos premios.

Alarico, Godofredo e Luiz receberam os tres primeiros premios, como já se esperava. Depois seguiram-se os outros.

Quando o professor Visitação declarou que ia começar a distribuir os premios de gymnastica, o pae de Luiz levantou-se.

— Senhor Visitação, sou campeão. Preciso que meu filho, além de comportar-se bem e estudar bastante, como felizmente se deu, desenvolva tambem a sua agilidade, pois vae seguir a minha profissão. Por isso, disse-lhe que ficaria muitissimo contente, si elle ganhasse a corrida, mas que eu não o deixaria receber o premio. Assim, não pensaria que o aconselhei a esforçar-se para ganhar o premio. Peço-lhe, pois, que dê o de Luiz ao menino Alarico. Meu

filho esforçou-se só para contentar-me: é um bom filho. Sua recompensa foi meu abraço; este elle já ganhou e bem forte, pois quasi lhe estalei as costellas.

— Não, senhor, respondeu o mestre; o senhor ha de ter paciencia. Como mestre que sou, faço questão de conferir-lhe o premio e peço-lhe licença para isso. Além desse, ganhará mais dois, offerecidos pelo pae de Alarico e pelo de Godofredo.

O pae de Luiz por nada queria deixal-o acceitar os premios. Afinal, tanto insistiram, que consentiu.

A alegria de Godofredo e Alarico, que estavam sentados ao lado de Luiz, era immensa.

Godofredo pediu ao pae que o premio de Luiz fosse uma roupa e Alarico pediu ao seu que dêsse uma mesa com tudo quanto fosse necessario para escrever.

Ainda que Luiz houvesse recebido maior numero de premios, os mais premiados tinham realmente sido elles dois pelo seu generoso desinteresse.



## A ENGOMMADEIRA



Vocês me olham!  
Estão se rindo?  
Notam acaso  
Que é muito lindo

Meu vestuario?  
O rosto meu?  
Gostam do ferro,  
Que o pae me deu?

Ou talvez julguem  
Que estou brincando  
É só por troça  
Estou passando

Com o ferro frio?  
Pois sim! Sósinha  
Já hoje passo  
Muita roupinha.

Calças e saias,  
Blusas, camisas,  
Deixo-as aqui  
Todas bem lisas.

Não queimo a roupa,  
Não queimo a mão,  
Porque trabalho  
Com atenção.

Porém, não pensem  
Que basta isso  
Para fazer-se  
Um bom serviço.

Sabem porque?  
Porque p'ra tudo  
E' necessario  
Algum estudo.

Eu estudei  
Para passar.  
E sabem como?  
Eu vou contar.

Mamãe, primeiro,  
Fez-me aprender  
Como ao carvão  
Devo accender.

Tomando o folle,  
Fez-me ensaiar  
Como é que ao fogo  
Faz-se activar.

Depois na bocca  
Mólho o dedinho,  
P'ra ver si o ferro  
Já está quentinho.

Si o estalo é forte,  
E' que está bom;  
Mas, já não serve,  
Si é fraco o som.

Passo-lhe um panno  
Para o limpar,  
A fim que á roupa  
Não vá sujar.

Mas, além disso,  
E'-nos preciso  
Ter para tudo  
Muito juizo.

---

## CURIOSIDADE



Emquanto as duas filhinas do Snr. Pacheco estudavam, um carroção da Companhia do Gaz trouxe um grande barril. Este, por ordem da dona da casa, foi collocado no porão.

Após o jantar, as duas meninas desceram para o jardim.

Estiveram durante algum tempo correndo, colhendo flores, examinando

botões, fincando aqui um páusinho, para sustentar uma plantinha, levantando alli um galho cahido, arrancando lá adiante um outro já secco.

De subito, Rosa, approximando-se do lugar em que se achava o barril, sentiu um cheirinho exquisito.

Encaminhando-se para o ponto de que este se exhalava, entrou no porão. Como já ia anoitecendo, o porão estava um tanto escuro. Mesmo assim, Rosa descobriu a um canto o tal barril já destampado.

Rosa era bem curiosa, mas, tambem, muitissimo prudente: cheirou, e tornou a cheirar; porém não quiz enfiar a cabeça.

— Vou perguntar a Mamãe o que é isto.

Ao subir, encontrou sua irmã Angelina e contou-lhe o que descobrira. Angelina tambem foi ver o que era. O porão estava, então, completamente escuro.

Cheirou como a irmã; comtudo, querendo descobrir ali mesmo o que era aquillo, enfiou a cabeça para ver e cheirar melhor.

Mas, oh, castigo! O rosto de Angelina mergulhou num liquido meio grosso e pegajoso.

Ella, então, com o rosto todo lambusado, já tendo esfregado as mãos para ver si o limpava, entra a correr na sala em que palestravam sua mãe, seu pae e alguns parentes.

— Mamãe, que é isto? Sujei todo o rosto...

— Mesmo assim, filha, não descobriste?! indagou o pae, rindo-se, bem como todos, menos sua mulher. Vê no espelho como estás bonita! Talvez o pixe sirva-te de remedio para curar tua curiosidade exaggerada.

Angelina desatou num pranto ruidoso. Mas, ahi ainda não foi nada:

chorou a valer, foi para lavar-se, porque o pixe não sae a tôa.

Desde então, perdeu a vontade de enfiar a cabeça em barris escuros.

## O LANCHE

### I



Todos os dias era a propria Izabel quem partia o lanche que devia levar á escola.

Ora, havia ja algum tempo que D. Mathilde achava o pedaço de pão levado pela filha um tanto exaggerado.

E, apesar disso, reparava que a menina não só almoçava, como tambem jantava, com um magnifico appetite.

Como devemos comer apenas o preciso para nos sustentarmos, D. Mathilde disse-lhe uma vez:

— Olha lá, Izabel, parece-me que andas comendo de mais! Não vá fazer-te mal á saude.

— Não sei, Mamãe; mas passo muito bem e sempre sinto fome.

— Então, estás uma comilona. E o teu lanche não te parece muito grande?

— Não, Mamãe; quando acabo de comer a minha merenda, sou capaz de comer outra. Mas deixa estar, Mamãe; vou comer menos.

De facto, desde esse dia, Izabel, pouco a pouco, foi cortando um lanche cada vez menor, até que passou a leval-o todos os dias de um tamanho constante. Mesmo assim, D. Mathilde achava que o lanche de Izabel podia ser menor.





## O LANCHE

### II

Um dia D. Mathilde foi visitar uma senhora que tinha conhecido havia pouco tempo.

Em casa della, encontrou uma menina, que lhe contou estar no mesmo collegio que Izabel.

D. Mathilde, sem declarar ser mãe de Izabel, perguntou-lhe si conhecia esta.

— Conheço, sim, senhora; somos muito amigas.

— E ella é bem comportada, estuda bastante, a mestra e as col-

legas gostam todas della, ou é só você?

— Eu só?! Não, senhora! Não ha lá uma só menina que a não estime. A senhora tambem gosta della?

— Gosto, sim; mas acho nella um defeitinho.

— Defeito em Izabel?!

— Sim: o de ser um pouco comilona.

— Desculpe-me; a senhora deve estar enganada.

— Não, não estou. Já a vi varias vezes almoçar muito bem, levar um lanche immenso e depois vir jantar admiravelmente.

— Eu não disse?! A senhora está enganada. Sabe porque? Porque ella não come o lanche.

— Lança-o fóra, então?!

— Não, senhora. Antes ella dividia o lanche em tres pedaços iguaes e dava dois ás duas filhinhas de

um funileiro muito pobre e que estava na classe atrazada. Depois, não sei porque motivo, passou a trazer lanche menor e agora dá o lanche inteiro ás meninas, que, coitadinhas, não podem leval-o.

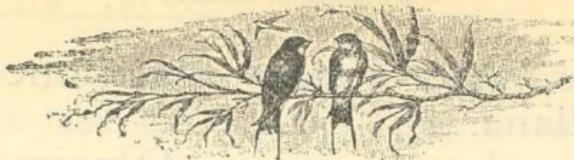
— Ah! isso, sim! — disse a senhora, muito commovida e contente por saber que a sua filha era tão boa e não uma comilona, como a julgava. — E' possível que Izabel receasse desagradar-me, pois esse funileiro não procedeu bem com o meu marido.

Chegando á casa, nada disse á sua filha.

No dia immediato, bem cedo, D. Mathilde preparou um lanche bem grande e deu-o a Izabel:

— Olha, já está dividido em tres partes: come a tua tambem, minha comilona... com a bocca dos outros.

E deu-lhe tambem muitos abraços e beijos.



## A BONECA

D. Albertina, ao voltar de sua viagem á França, trouxe á Noemia uma bellissima boneca.

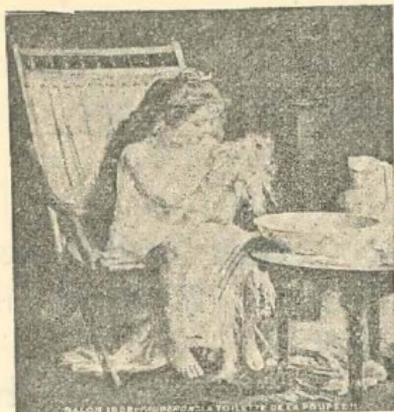
D. Albertina recommendou-lhe muito cuidado com o rosto da boneca: era de cera e qualquer arranhão podia estragal-o.

A menina 'apreciou-a tanto, que sonhou toda a noite com ella.

De manhã, saltou da cama, despiu a camisola e, ficando só de camisinha decotada, lavou o rosto e escovou os dentes.

Quando ia vestir-se, lembrou-se de fazer á nova o mesmo que, para

brincar, fazia a uma velha boneca de porcellana.



Despiu-a deixou-a também de camisinha e passou-lhe cuidadosamente uma esponja molhada no rosto.

Quando a inclinava, a boneca cerrava os olhos.

Noemia dizia-lhe, como se conversasse com alguém:

— Dorminhóca! Ainda estás com somno!? Acorda? Não vês que a tua mãesinha te está lavando?

E ria-se, como si a boneca a ouvisse.

Noemia era tão boasinha quanto distrahida. De repente, esqueceu de todo ser o rosto da boneca de cera.

Passa a mão numa escovinha de dentes da de porcellana, e *rás, rás*, a esfrega duas vezes, sem levantá-la, na boquinha da boneca nova.

Os labios ficaram arranhados de uma fôrma horrivel e os dentes, feitos tambem de cera, entraram para dentro da bocca, que, por seu turno, ficou como um buraco.

A menina cahiu num pranto copioso e chamou sua mãe.

— Ora, Noemia, com effeito!

— Tambem, Mamãe, a Senhora não me disse nada!

— Minha filha, é um grande defeito querermos atirar as nossas culpas sobre os outros. Isto não te aconteceria, si tivesses prestado maior attenção ás palavras de D. Albertina.

— Deixa estar, Mamãe, agora não me distrahirei mais. Mas vamos vestir-nos para levarmos a boneca ao dentista?

— Para quê, filha.

— Para pôr-lhe uma dentadura postiça.

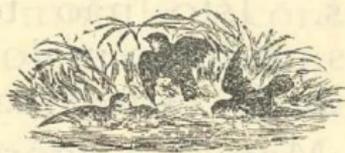
— Isto agora é que não é possível, pois ainda não ha dentistas de bonecas.

Assim, a bocca esburacada da boneca foi forçando Noemia a ouvir com mais attenção as recommendações dos mais velhos.

---

## O ANNIVERSARIO DE LUCIA

### I



Lucia era filha de paes muito ricos e morava num elegante palacete.

Todo o interior deste era do maior conforto e até mesmo de certo luxo: não faltavam estatuetas de bronze e

alabastro, quadros de pintores afamados, custosas tapeçarias, baixella de prata, etc.

Mas Lucia nunca foi vaidosa; nunca se tinha visto nella vontade de mostrar-se rica e tanto se divertia com as meninas ricas como com as pobres.

Henriqueta, uma de suas vizinhas, era talvez a sua melhor amiga. Quasi se não passava um só dia que não fossem uma á casa da outra.

Uma vez a filha de um dos socios do pae de Lucia veio convidal-a para um pique-nique.

Henriqueta estava presente; por isso, Lucia disse logo:

— Sim, vou e levo Henriqueta.

— Não, respondeu-lhe a menina; vim convidar só você. A menina — continuou ella, olhando com pouco caso para o vestidindo de chita de Henriqueta, um vestido muito simples, mas muito asseadinho e sem

rasgões—não pode ir. Naturalmente não tem roupa para nossa companhia, pois vamos todas bem vestidas.

Henriqueta mordeu os beiços e quasi chorou, ao ver que a menina a desprezava por ser pobre.

Pouco depois despediu-se de ambas as meninas e foi-se para casa.

Lucia desejava levar Henriqueta ao pique-nique; mas ainda tinha maior vontade de ir. Por isso, no dia marcado, apromptou-se e foi.

Henriqueta não poz mais os pés na casa de Lucia, por mais que esta insistisse e ainda que a sua amiga fosse diariamente á della.

## O ANNIVERSARIO DE LUCIA

### II

Aos quatro de Julho de 1896 Lucia completava onze annos de idade.

Grande foi o numero de creanças, senhoras e homens, que vieram festejal-a.

Muitos tambem foram os presentes ganhos. Quer fossem caros, quer modestos, ella os recebia com a mesma alegria. Para ella o que valia no presente era a lembrança da amizade da pessôa que o offerecia.

Quasi á hora do jantar, estava a casa cheia de pessôas amigas da familia e da creança.

No emtanto, Lucia andava de um lado para outro, como quem estava achando falta em alguma cousa. Sua mãe, notando isto, perguntou-lhe:

— Que te falta, Lucia?

— Ora, Mamãe, não sei... ha muita gente aqui: estão todos os nossos parentes e mesmo todas as minhas amigas, com excepção de uma só, da Henriqueta. Não me mandou dizer uma só palavra, ella, que é tão minha amiga!

— Socega: hoje ella ha de vir.

— Qual, Mãesinha! Não sei porque razão deixou de vir aqui. Mesmo assim, estou certa, continua a ter-me a mesma amizade. Depois... Mamãe vae lá, D. Anninha vem cá... Não sei porquê...

Mal Lucia se calava, D. Anninha entrava com um cestinho cheio de uns vermelhissimos morangos.

— Lucia, Henriqueta manda-te estes morangos. Pediu ao pae que os plantasse especialmente para dar-t'os. Deseja-te tambem muitas felicidades.

— Então, ella não vem?

— Não pode, menina.

— Pois, si Mamãe dá-me licença, vou buscal-a.

— Vá, filha, e traga Henriqueta. Lucia dirigiu-se para onde estava a creançada.

— Vou buscar uma menina de

que todos vocês hão de gostar muito. Desculpem-me um instantinho.

E sahiu.

## O ANNIVERSARIO DE LUCIA

### III



Quando Henriqueta, que estava lendo, ouviu passos no corredor da sua casa, largou o livro e foi ver quem era.

Vendo Lucia, correu ao seu encontro, e, dando-lhe um apertado abraço, exclamou com uma vivíssima alegria.

— Viva! Viva a Lucia!

— Viva! E' só isso, sua ingrata?! Ir lá em casa tu não podes, não queres?

— Não pode, sim; mas, não quer, isso não.

— Si assim é, porque não vaes?

Henriqueta lembrou-lhe o que

se passára com a menina que fôra convidar Lucia para o pique-nique.

— Sou pobre, Lucia; não me posso vestir com luxo. Nem todas as tuas companheiras são boas como tu e não quero envergonhal-as com minha presença, eu que sou filha de um simples hortelão.

— Si eu soubesse que ficarias zangada, não teria ido.

— Não, Lucia, não fiquei zangada; fiquei sentida com a menina, por ter-me tratado com pouco caso e tambem receei envergonhar-te.

— Oh! Henriqueta! envergonhares-me?! Tu, que és uma perola?! Nunca! Has de ir lá em casa. Aquella menina é uma enjoada. Bem sabes que todas as outras são boas. E eu não quero saber do dinheiro, que cada um tem: quero saber do que é feito o seu coração. Tu és tambem muito rica, porque o teu é de ouro.

E, dando-lhe o braço, foi arrastando Henriqueta, a rir, para a sua casa.

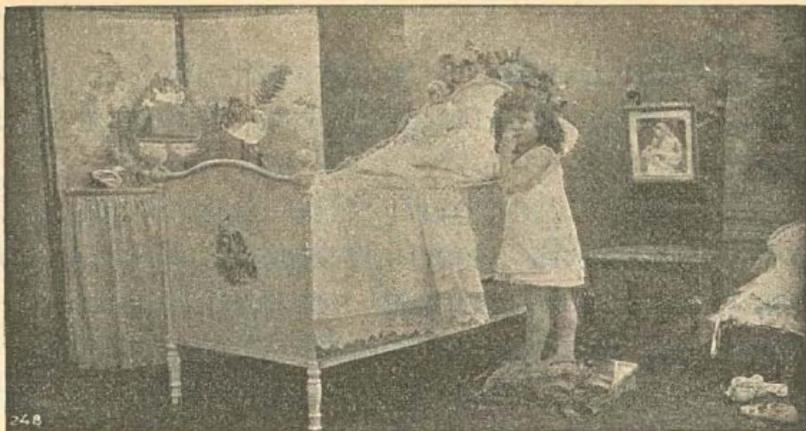
A filha do hortelão era a alegria e a bondade em pessoa: por isso, captivou a quantos se achavam em casa de Lucia e, pode dizer-se, tornou-se a rainha da festa. Na mesa Lucia fel-a sentar-se ao seu lado.

Nessa noite, quando Lucia foi tomar-lhe a benção, sua mãe perguntou-lhe do que mais tinha gostado em sua festa.

—De ter feito Henriqueta vir de novo aqui em casa.

Pouco depois, sonhando com a amiga, dormia socegradamente.





## AO DEITAR-SE

— Vaes, oh, menina, no leito  
Ao brando somno entregar-te;  
Pensa, pois, um bocadinho  
Nos que só vivem de amar-te.

Naquella doce mãesinha,  
Que, si te encontra ridente,  
Põe-se, feliz, a sorrir  
E chora ao ver-te doente.

Relembra tambem teu pae,  
Que labuta todo o dia,  
Ao qual com meigas caricias  
Dás uma viva alegria.

Pensa com amor nos avós,  
Nessas creanças crescidas,  
Que aos pequeninos consagram  
O resto de suas vidas.

Nos maninhos, si é que os tens,  
Pensa, querida, também,  
Que todos elles te adoram,  
Que todos te querem bem.

— Penso, sim; todas as noites  
Começo sempre sonhando  
Que o bem que todos me querem  
Vae sempre e sempre augmentando.

Mas, também, eu, por meu lado,  
Procuro ser boasinha  
Com a gente, as flôres, os bichos,  
Quanto cerca a vida minha.





## O CLAQUE

O Snr. Teixeira, tendo de ir a um casamento, vestira a casaca e levára o claque.

Quando voltou para a casa, o seu primeiro filhinho, vendo-lhe na mão aquelle chapéu tão chato, perguntou-lhe:

— Que é isto, Papae?

— E' uma cartola, Ricardo.

— Tão chata! Papae está caçoando commigo!

— Não estou: venha ver. E o Snr. Teixeira, com grande pasmo da creança, abriu o claque.

— E' verdade, Papae, é uma cartola! Que engraçada! E agora só póde ficar assim? Não póde mais se tornar chatinha?

— Póde, sim, respondeu-lhe o pae, fechando-o de novo.

Não é preciso contar: Ricardo fel-o abrir e fechar o claque varias vezes. De uma dellas, o proprio menino tentou fechal-o e não o conseguiu, por ser a mola um pouco dura.

Dias depois desta explicação, veio um amigo visitar o Snr. Teixeira. Estava de cartola.

O nosso Ricardo, emquanto o pae conversava na sala com a visita, foi buscar uma cadeira e tirou a cartola do porta-chapéus.

Apertou-a levemente de encontro á parede, mas a cartola não cedeu.

— Ah! pensou elle comsigo, este claque é muito duro. Mas eu fecho já.

O amigo de Papae vae ficar espantado, quando o encontrar chatinho!

Estendeu o seu lencinho no assualho e, com o maior cuidado, poz sobre elle a cartola, com as abas para cima. Depois imaginem só o que fez!!

Sentou-se em cima.

Ah! desta vez a cartola fez como o claque, achatou-se; mas façam só idéa como!!

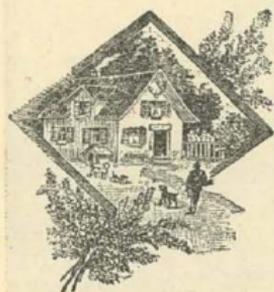
Ricardo pendurou-a toda amassada e foi para dentro.

Quando a visita ia retirar-se, o pae de Ricardo, ao buscar-lhe a cartola e a bengala, deu com aquella toda esbandalhada. Lembrou-se logo do que mostrára com o claque ao filho e compreendeu tudo. Chamou-o: Ricardo, muito satisfeito, attendeu-o promptamente. Pequena, porém, foi a sua satisfação, pois o pae presenteou-o com uma palmada, não tanto por elle ter amassado a cartola,

que tinha confundido com o claque, mas para não ser buliçoso.

## A VIAGEM

### I



Arthur tinha lido, num jornal, a descrição de uma grande festa de creanças, realisada no parque da Praça da Republica, no Rio de Janeiro.

Ficou com enorme desejo de assistir a uma destas festas.

Ora, quasi um anno depois, noticiaram os jornaes que se ia dar outra.

Como o seu pae tinha de ir por aquelles dias ao Rio de Janeiro, Arthur pediu-lhe que o levasse.

O pae de Arthur, era fazendeiro nas proximidades de Sabará, no Estado de Minas Geraes.

Para apanharem o unico trem que havia para o Rio, precisavam accor-  
dar de madrugada e andar 4 leguas



de phaeton até a estação, afim de embarcarem ás 8 horas da manhã.

Na ante-vespera da festa, sua mãe preparou as malas de ambos.

— Vê lá, Arthur, recommendou-lhe ella; aprompta-te logo que te forem chamar.

— Sim, senhora.

Seu pae acertou o despertador para accordal-o ás tres horas da madrugada: teriam assim bastante tempo. Cinco horas dariam de sobra.

Arthur, satisfeitissimo, adormeceu sonhando com a festa.

## A VIAGEM

### II



A's tres horas em ponto, o relógio desandava num ruidoso *tlim, tlim, tlim*.

O menino custou um pouco a despertar, quando o pae foi chamal-o.

Vendo-o por fim levantado, o pae foi vestir-se no seu quarto, que era um tanto afastado do de Arthur.

Sua mãe desceu ao pavimento terreo, para fazer preparar o que elles deviam tomar antes da sahida.

Pouco depois o fazendeiro também descia, tendo tido antes o cuidado de ir ao quarto de Arthur. Encontrou-o já vestido com uma roupa de brim, arregaçando as mangas para lavar o rosto.

O menino estava tonto de somno e, sabendo quanto a água devia estar fria, poz-se a espreguiçar-se.



Puxou os cabelos, abriu a bocca e por fim exclamou:

— Uh! que somneira! Vou encostar-me um bocadinho!

Encostou-se á cabeceira da cama e adormeceu.

Quando chegou a hora em que deviam sahir, sua mãe, não o vendo descer, subiu

ao quarto. Encontrou-o ainda sem botinas, sem meias, sem se ter lavado, dormindo a somno solto. Accordou-o, repreendeu-o com brandura e ajudou-o a vestir-se ligeiro. Mesmo assim, já desceu bem atrasado.

O pae recommendou-lhe zangado: — Bem, bebe o leite ligeiro e traze o teu guarda chuva e o meu, enquanto fecho as malas e mando-as para o phaeton.

Embarcaram. O fazendeiro recommendou ao cocheiro que tocasse depressa. Notando, depois de um bom quarto de hora, que ameaçava chuva, procurou os guardas-chuvas e viu, então, que Arthur os esquecera.

O menino levou nova repreensão. O phaeton voltou a toda a pressa. Quando se encaminharam de novo para a estação, o cocheiro apressou o mais possivel os animaes.

Mas só conseguiram chegar, quando o trem ia partindo.

— Bem, meu filho; por tua propria preguiça e distracção, ficas privado da festa, pois o trem de amanhã chega ao Rio á noite, depois della terminada.

### EU QUERIA TER CINCO E CINCO



No mez de Abril, a professora do 1.º anno das meninas foi fazer a entrega dos boletins.

Havia umas duas ou tres alumnas que mereceram nota *cinco e cinco*, como diziam na classe: cinco em aproveitamento e cinco em comportamento. A nota cinco era a nota mais elevada: era a nota *optima*.

A Marieta, uma pequena de 7 annos, matriculada naquelle mez, tambem recebeu o seu boletim.

Como ainda não sabia ler, pediu no recreio a uma collega que lhe lesse as suas notas.

— Cinco em comportamento e tres em aproveitamento.

Marieta desatou em pranto.

Ao bater a sineta para a terminação do recreio a menina estava com o rosto todo vermelho de tanto chorar. Por isso, a mestra chamou:

— Marieta, venha cá. Você está doente?

— Não, senhora.

— Mas que ha? Porque foi que você chorou?

— Porque tive só tres em aproveitamento.

— Ora, esta! Você queria nota maior?

— Queria, sim, senhora; queria *cinco e cinco*.

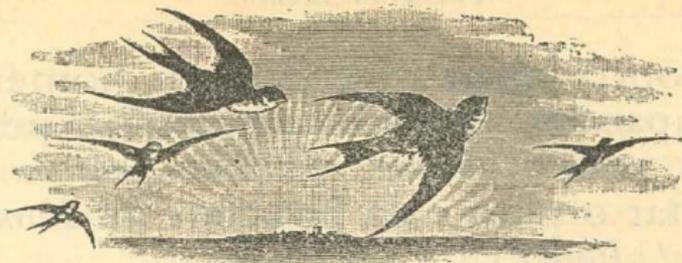
A classe inteira riu-se da simplicidade da pequena. Ella, ouvindo a

gargalhada das collegas, cahiu de novo em pranto.

— Ora, Marieta, não chore! disse-lhe a mestra, passando-lhe a mão pelos cabellos. A nota cinco em aproveitamento não se ganha assim de uma vez, de repente. Você é uma menina muito boazinha. Continue a conduzir-se bem e applicar-se como tem feito até agora; você obterá logo a nota *cinco e cinco*.

As collegas riram-se a valer da Marieta ter ido dizer á mestra que “*queria cinco e cinco*.” Marieta não se zangou com uma só; mas tanto se esforçou para obter a nota maxima, que dentro de alguns mezes era a primeira discipula da classe.





## O SURDO

Num domingo, Clovis sahiu de bicycleta, para levar um recado de seu pae a um tio.

Como já estava muito agil, fez deslizar a bicycleta com toda a velocidade.

O calçamento da rua em que residia seu tio estava sendo renovado. Havia, por tal motivo, uma porção de montes de parallelepipedos de granito. Em certo trecho da rua havia espaço apenas para uma pesôa passar.

Clovis, descrevendo *zigue-zagues*, lá se enfiou por entre os montões de pedras.

Pouco adiante, vendo um homem occupando-lhe o unico caminho pelo qual podia passar, Clovis poz-se a apertar o phone da bicycleta: — *Fom! Fom! Fom!*

O homem não sahia do caminho e nem siquer se virava para traz.

*Fom! Fom! Fom!*

O transeúnte não se incommodava.

Clovis estava furioso.

— Oh! que homem! Não quererá dar-me passagem?!

*Fom! Fom! Fom! Fom! Fom!*  
*Fom!* gritava desesperadamente a buzina, enquanto o homem continuava pausada e tranquillamente o seu caminho.

— Vou tocando o phone; quando sentir a bicycleta bem atraz de si, ha de recear que eu vá por cima delle e ha de fazer como todos: dará um pulo para o lado.

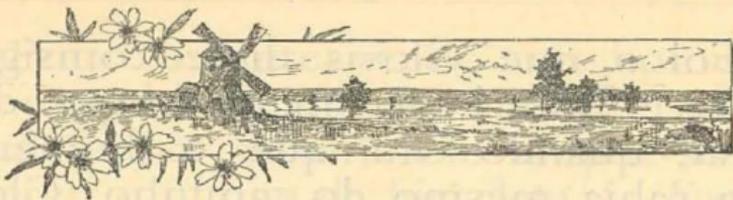
Foi o que Clovis disse comsigo e fez. Não havia mais tempo de parar, quando viu que o homem não sahia mesmo do caminho. Clovis foi, por isso, de encontro a elle. O homem era robusto e pesado; não cahiu com o choque.

O menino, porém, rodou com a bicycleta sobre um monte de pedras, arranhando-se bastante.

O homem ajudou-o a levantar-se e, por signaes, deu-lhe a entender que não podia tel-o ouvido: era surdo.

Clovis desmanchou-se em mil desculpas reconhecendo como andára mal. Tambem foi a ultima vez que confiou no ultimo instante.





## GALOPIM

Um dia, estando com a Rita  
Um dos primos—o Vicente—  
Propoz-lhe este que brincassem  
De haver em casa um doente.

Tres pessoas precisavam:  
De dona, a Rita faria,  
Vicente seria o medico;  
Quem o doente seria?

—«Ah!» grita alegre a menina,  
«O doente eu acho emfim!»  
«Não ha quem sirva melhor»  
Que o meu caro Galopim.»

Galopim era um cachorro,  
Que haviam dado á Ritinha,  
Gordo, pelludo, possante,  
No qual um servo ella tinha.

O cão acode ligeiro  
A' voz amiga, que o chama.  
A custo os primos conseguem  
Mettel-o dentro da cama.

—«Agora vou arranjar-me,»  
Disse o pequeno Vicente;  
«Quero ver si uma cartola»  
«Ceder-me o tio consente.»

Ritinha, ficando só,  
Os seus lençóes desdobrou  
Sobre o cão. Depois um lenço  
Aos dois queixos lhe amarrou.

*Pá! Pá! Pá!* — «Entre, Doutor.»  
—«Foram-me, minha senhora,»  
«Neste momento chamar,»  
«Para vir ver, mesmo agora,»



«Um doente em sua casa.»  
—«E' exacto, Doutor Vicente.»  
«E' p'ra este pobre filhinho,»  
«Que soffre com dôr de dente.»

—«Com certeza constipou-se,»  
Disse, pondo o *pince-nez*,  
O encartolado doutor.  
«Pelo aspecto já se vê!»

«Mas vou tomar o seu pulso,»  
«P'ra ver si com febre está!»  
«Não, senhora, não tem febre;»  
«E' facil cural-o já.»



«Isto é dente cariado.»  
«Como eu não trouxe a bolsinha,»  
«Dos ferros de operação,»  
«Traga-me, D. Ritinha,»

«Uma agulha de crochê,»  
«Algodão, mais agua e sal.»  
Depois abre a bocca ao cão  
E procura num queixal

Fingir que põe o algodão.  
O cão, cansado de estar  
Com a bocca aberta de mais,  
Com força a tentou fechar.

Retira a mão o menino;  
Mas dentro a agulha deixou,  
De modo que esta as gengivas  
Do pobre cão espetou.

Então elle se arremessa,  
Doido com a dôr, que sente,  
Fóra do leito, e o derruba  
Por sobre o Doutor Vicente!

## NO BARRIL



Osmar era filho de um hortelão, que possuía apenas um cantinho de terra. Este, á custa de muita paciencia e trabalho, produzia bem bons legumes.

Como Osmar já contava seis annos, sua mãe encarregava-o de dar leite, numa mammadeira de vidro, a um irmãosinho mais novo.

Osmar já tinha quebrado duas, só por falta de cuidado. Por isso, a senhora disse-lhe que, si elle quebrasse uma terceira, levaria umas palmadas.

Ora, um dia, brincando o menino com a terceira mammadeira, deixou-a cahir. Ella ficou em cacos.

Em vez de ir pedir perdão á mãe, quiz escapar de outro modo das palmadas promettidas.

Naquelle dia, enquanto seu pae andava vendendo as hortaliças, tinham trazido um grande barril vazio e destampado de um lado. O menino pulou para dentro d'elle, certo de que a mãe não se lembraria de ir procural-o lá.

Uma meia hora depois o hortelão voltava á casa.

Sem examinar o barril, encheu de agua uma dessas grandes latas de folha de Flandres, em que vem

kerozene, e, pondo-a na cabeça, dirigiu-se para derramal-a no barril.

Quando elle largou toda aquella porção de agua de um só jacto, Osmar soltou um berro. O coitado, cansado de estar quieto, adormecera no fundo do barril.

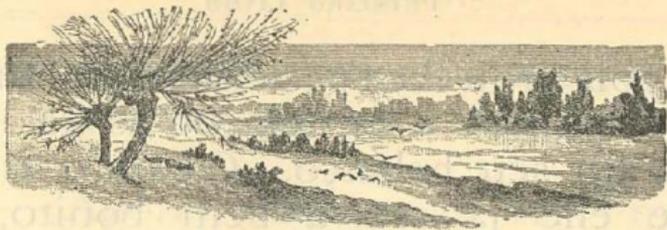
O menino sahiu ensopado da cabeça aos pés.

— Que fazias aqui? perguntou o pae, encolerizado.

Apesar de Osmar confessar-lhe tudo, o pae deu-lhe ainda duas palmadas...

— Olha: uma é por teres quebrado a mammadeira, outra por teres fugido de tua Mãe.





## NO BALANÇO

Marcello e Violante receberam, num domingo, a visita da sua amiguinha Adelia.

Esta percorreu com elles a vasta e bella chacara em que residiam e divertiu-se bastante.

Vendo umas goiabeiras carregadas de fructos, Adelia declarou que gostava muito de doce de goiaba em calda. Marcello, sabendo ser amavel, pediu á sua mãe que o fizesse.

Emquanto as duas meninas, ali pelas tres horas da tarde, descansavam num caramanchão, Marcello foi colher uma infinidade de rosas.

Depois tirou-lhes pacientemente todos os espinhos e entrelaçou-as nas cordas do seu balanço. Quando achou que elle já estava bem bonito, foi convidar a amiguinha para balançar-se.



Adelia e Violante divertiram-se algum tempo até que por fim se cansaram de novo.

O Marcello, que estava doí-dinho por exhibir-se, deu um nó em cada corda para o balanço ficar mais alto. Depois suspendendo-se, batia com o pé no chão e subia a alturas enormes.

Bem defronte do balanço ficava a janella da cozinha e, já mais de uma vez, balouçando-se com muita

força, o menino chegára a fazer os pés passarem até para dentro da janellella.

— Agora, vocêz vão ver: meus pés vão passar lá por cima do tacho!

Dentro d'elle é que os pés foram.

O tacho virou e o doce todo deramou-se no quintal.

Não sabemos o que lhe disseram os paes. Só sabemos que a vontade de mostrar-se impediu-o de ser amavel. E, como tinha nisso muito empenho, devia ter ficado bem envergonhado.

---

## OS CARTÕESINHOS

### I



Desde o primeiro dia de aula, o Anacleto tinha sido o peor alumno da classe. Muitas vezes dizia-lhe o mestre:

— Si todos os teus collegas fossem como tu, eu estaria doido.

Não dava uma lição certa; na aula de leitura nunca sabia em que ponto estavam; borrava o caderno de calligraphia; em vez de fazer as contas, para achar o resultado, escrevia no lugar deste um numero qualquer. Mas isto ainda não era nada! Não attendia promptamente ao mestre: de vez em quando, ás escondidas, punha-lhe a lingua de fóra ou o arremedava e, além de indelicado, maltratava os menores.

E sua mãe, pobre senhora, costurava da manhã á noite, para sustental-o e ao pae, que era paralytico e não sahia do fundo de uma cama.

Tantas fez o Anacleto que, no principio de um mez, sua mãe foi á escola e pediu ao mestre:

— O senhor ha de fazer-me um grande favor. Trago-lhe aqui 25 cartõesinhos com o meu nome escripto

atrás. Si Anacleto comportar-se bem, faça-me o favor de entregar-lhe, á sahida, um destes cartões inteiro; si comportar-se regularmente, córte um dos cantos, soffrivelmente dois, mal tres e pessimamente quatro.

Pois, mesmo desde o dia seguinte, Anacleto levou o cartão com os quatro cantinhos cortados: sua mãe chorou e seu pae repreendeu-o. Mas as quatro pontinhas continuaram, durante uma semana, a vir aparadas.

— Ouve, Anacleto, disse-lhe a mãe; si tu me trouxeres o cartão sem córte algum, eu te darei cada dia 200 réis, para no fim do mez comprares qualquer brinquedo bom.

— Pois trarei, Mamãe; hei de trazer.

— Vamos ver, filho.





## OS CARTÕESINHOS

### II

No dia seguinte ao da promessa de sua mãe, Anacleto comportou-se como nos outros. Mas na hora do recreio, que o professor fiscalisava, pediu para ir á sala e da gaveta em que estavam os cartões furtou um.

A' tarde, em vez de entregar á senhora o das quatro pontinhas cortadas, que tinha merecido por sua má conducta, deu-lhe o furtado ao mestre.

Oh! a alegria da senhora nem se pode descrever: ria, abraçava-o, beijava-o, admirava-o. E logo lhe deu os 200 réis.

— Agora vou pondo aqui—disse ella, mostrando-lhe um cofresinho de madeira muito fraco—os cartões sem córtes que me fôres trazendo. No fim do anno abrirei o cofre e comprar-te-ei um premio que custe tantos tostões quantos forem os cartões; isto além dos duzentos réis de cada dia.

Até o pae, o pobre paralytico, ficou nesse dia com o rosto mais alegre.

Nesse primeiro dia Anacleto só pensou no dinheiro.

Ora, no dia immediato naturalmente não poderia roubar novo cartão. Por isso, de manhã, enquanto sua mãe lhe preparava o almoço, com a doce esperança de que elle se iria corrigindo, Anacleto, com uma faca, enfiando-a sob a tampa do cofre, retirou o cartão, tornando a batedel-a. A' volta da escola entregou esse mesmo cartão.

Nova alegria de seus paes. Durante uma semana Anacleto fez a mesma cousa. Por fim foi ficando com uma especie de remorso de enganar-os dessa maneira.

— E si eu me fizesse mesmo bom? Papae e Mamãe deviam ser mais felizes, pensou elle.

Isto começou a moê-lo. Continuou a abrir o cofre para tirar o cartão e entregal-o. Mas, pouco a pouco, foi se esforçando e os seus cartões (que elle não entregava) passaram a vir com tres córtes, dois, um, até que afinal um dia o mestre disse:

— Anacleto, vou dar-te um cartão inteiro. Não me dês mais o trabalho de estar cortando os cantos.

— E eu, disse sem querer o menino, não terei mais o trabalho de abrir o cofre da Mamãe.

— Que é que dizes?

Anacleto empurpleceu e juntou:

— No recreio contarei tudo, ao senhor Mestre sósinho.

Quando, á hora do recreio, o menino concluiu de contar-lhe o que fizera, o professor observou:

— Ainda bem, Anacleto; tu és o primeiro a ver quanto fazes os teus felizes!

— O que eu não sabia, *seu* Mestre, é que é mais facil e agradavel ser bom do que ser máu.

Tão bom já estava, que, ao chegar á casa, foi correndo narrar tudo a sua mãe e dizer-lhe que não queria mais receber tostões para comportar-se bem.

### A LAVADEIRA

Eu sou fraca, bem fraquinha,  
Mas ninguem me leva a palma,  
Quando lavo esta roupinha;  
Deixo-a sempre bem alvinha!

Não preciso de ir ao rio ;  
Uma a uma com vagar,  
Mólho a roupa toda a fio,  
Faça calor, faça frio.



Deixo-a toda nesta tina  
Por algum tempo ficar,  
Roupa grossa, roupa fina,  
Quer de homem, moça ou menina.

E quando della a retiro,  
Sem mesmo muito esfregar  
(Nunca as mãosinhas eu firo),  
Bato, bato, viro, viro.

Salta a espuma pelo chão,  
Saltam pinguinhos em mim,  
Emquanto neste pranchão  
Bato e a esfrego com sabão.

Acabada que é a sova,  
Junto as peças sobre a taboa;  
Viro a tina e a agua nova  
Toda a roupa logo prova.

Da segunda vez a peça  
E' torcida e retorcida  
E vae logo, bem depressa,  
Para o seccar, que começa.

Sêcca a roupa, faço a trouxá;  
Cólho no campo uma flôr  
Branca, azul ou mesmo roxa;  
E a vel-a a fome me afrouxa.



«Lavadeira», diz-me a gente,  
Quer seja rica, quer pobre,  
«Vives sempre tão contente,»  
«Como quem males não sente».

Quero mal ás creancinhas,  
Que as roupas sujam demais,  
Pois p'ra pôl-as bem limpinhas,  
Canço os braços, as mãosinhas.

Quero mal, não digo bem;  
Zango-me só um pouquinho.  
Nunca quiz mal a ninguem;  
Mas... sou de carne tambem.

### A LATA DE SARDINHAS



— Thereza, leva esta lata de sardinhas á Branquinha. Ella que as aqueça para o almoço, ordenou D. Maria á sua filha.



Thereza dirigiu-se á cozinha. Lá não encontrou a Branquinha, uma

cozinheira muito asseadinha e ordeira a quem dava gosto ver trabalhar.

A menina, em lugar de ir procural-a, abriu a segunda chave do fogão a gaz e poz a lata de sardinhas, fechada mesmo, ao fogo.

Depois foi dizer a Branquinha, a quem encontrou no quintal a dar milho ás gallinhas, que, para poupar-lhe o trabalho, já tinha posto a lata ao fogo.

— Mas, Thereza, D. Maria não quer que você mexa no fogão! E quem abriu a lata?

— Ninguem; depois de quente, abre-se.

— Ora esta!

E Branquinha correu a toda pressa para a cozinha. Thereza seguiu-a.

Quando entravam, ouviram um estouro: o azeite aquecido rebentára a lata. Alguns pingos cahiram na saia de Branquinha e apenas um

pinguinho, muito pequeno mesmo, veio cair na pontinha do nariz de Thereza. Esta soltou um gritinho, mas logo abafou os outros.

A cozinheira tirou as sardinhas e arranjou-as num prato, que a propria pequena foi levar.

— Conto a Mamãe o que fiz?

— Conte, sim, menina. Não basta, porém, contar e pedir desculpa. E' preciso, para não cair em outra, que se não metta mais a fazer aquillo de que não entende.

---

## QUE TAL!

### I



O engenheiro Gustavo de Almeida teve de ir ao Estado de Matto Grosso abrir uma estrada por lugares quasi despovoados.

Como o serviço devia ser muito demorado, não quiz ficar separado da familia. Por isso, levou-a toda comsigo.

Lourenço, o mais velho dos seus filhos, de cerca de uns dez annos, acompanhou-o varias vezes pelos matos e florestas. De algumas viu já-carés, onças pintadas, coatis, guarás, grandes giboias, surucucús, sucuris e muitos outros animaes.

Naturalmente, como sempre se costuma fazer, o Snr. Gustavo, ao regressar, foi muito visitado por seus amigos. Vinham mostrar-lhe a satisfacção, que sentiam, por vel-o voltar com saude.

Numa noite reuniram-se em torno de Lourenço varios meninos e puzeram-se a perguntar-lhe o que elle tinha visto.

Lourenço contou o que tinha visto e mesmo o que não vira,

porque um dos defeitos d'elle era gostar de passar as suas mentirinhas.

Desta vez as mentiras foram augmentando, porque nenhum dos meninos tinha ido ao Matto Grosso.

Mas o Lourenço não estava satisfeito: como eram todos pequenos, quiz espantal-os.

## QUE TAL!

### II



— Imaginem vocês que um dia sahi sósinho e sem armas (já começava com duas mentiras, porque, creança como era, nunca sahia só e tambem não andava armado). Fui até um rio, sobre o qual havia um tronco para se passar. Quando eu ia pondo o pé no tronco, vi uma gibóia atraz de mim.

— Ih! exclamou um dos pequenos. É então?

— Então.... repetiu o Lourenço, sem saber o que inventar.

— Então, sim? insistiu o menino, que o interrompera.

— Então eu avancei pelo tronco.

— Ah! e você escapou?

— Não, a giboia veio atraz de mim, quando do outro lado appareceu uma onça do tamanho de um boi.

— Já sei, você se atirou ao rio.

— Que esperança! Não sei nadar!

— Que horror! E que aconteceu?

— A onça me comeu.

— Coitado! Você morreu! exclamaram alguns meninos, sem repararem que isso era impossivel.

— Ella me comeu, mas eu não morri.

— Ueh! como assim?

— Fui pela guela a dentro; quando cheguei na barriga della, que é quente como um forno tirei, o meu canivete e cortei-lhe o coração.

A onça morreu, eu abri a barriga della e sahi. Está ahí!

— Coitado de você! podia ter morrido. Mas você levou um *pito* de *seu* Almeida para não sahir mais sósinho, não?

— Não levei, não.

— Pois, sim! Vou perguntar-lhe.

— Não vá, não, José. Elle não sabe disto.

— *Seu* mentiroso! berrou um pequeno de uns oito annos, que até ali ouvira calado. Então, a onça te comeu sem te mastigar!? Olha, comigo tambem aconteceu uma cousa! Numa destas noites passadas accordei e vi na parede uma lagartixa do tamanho de um dedo. Pouco a pouco ella foi inchando, inchando, e depois comeu-me a mim e á cama. Mas, com certeza, si a cama fosse tua mentira, ella não seria capaz de engulir. Só si ella fosse parenta da onça de Matto Grosso, que te comeu!

O coitado de Lourenço *entupiu* de uma vez, vendo que até mesmo as creanças pequenas descobrem logo as mentiras.

## O VALENTE



Julinha e Valente são os maiores amigos do mundo. E Julinha faz muito bem de querer assim ao seu canzarrão.

Sabem porque?

Uma vez ia ella por um morro, acompanhada de Valente. Vendo, um pouco abaixo da estrada, umas pitangas muito madurinhas, quiz apanhar algumas.

O morro ahi era muito em pé. Por isso, pisando numa pitanga, ella escorregou e começou a rolar. Lá em baixo o morro ia acabar em um ribeirão muito fundo e impetuoso.

Valente, que a seguia por toda a parte, agarrou-se com os dentes na saietta da menina e, ficando os pés no chão, conseguiu sustel-a. Ella, poudes, então, segurando-se a umas plantas rasteiras e de gatinhas, subir para a estrada.

Si não fosse o seu cão, com certeza iria afogar-se no corrego. Elle se arriscára para salvá-a.

Um dia Juliinha pediu a um primo seu, que era photographo, que tirasse um retrato della junto com o Valente e outro de Valente sósinho. Logo que recebeu este ultimo, foi pôl-o, num album della, entre os de seus parentes.

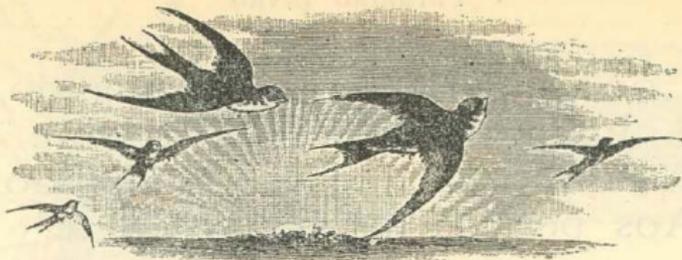


— Que é isto, então, Julinha? Vaes pôr o retrato do Valente entre os nossos?

— E porque não, Papae? Elle não é tão bom como a gente? Papae não disse que não devemos saber si os outros são brancos, pretos, mulatos, mas, sim, si são bons, si fazem o bem? Assim, eu tambem não quero saber si Valente é bicho ou não, é bom, quer-me bem e, depois de Papae e Mamãe, é o meu melhor amigo.

O pae riu-se; mas achou que afinal Julinha tinha razão. Por isso, o retrato do Valente vinha, no álbum della, logo depois dos de seus irmãosinhos.





## A VELHINHA

Lá vae curvada a velhinha  
Lentamente a caminhar!  
Vae pensando com certeza  
Nos netos que sabe amar!

Nos netos que sabe amar  
Com aquelles doces carinhos,  
Que tornam tão bons amigos  
As creanças e os velhinhos!

As creanças e os velhinhos!  
Uns alegres vão entrando  
Na larga estrada da vida  
Com a alma sempre cantando.

Com a alma sempre cantando,  
Animam com o seu perfume  
Aos outros, que vão perdendo  
Aos poucos da vida o lume.

Aos poucos da vida o lume  
Só deixa aos pobres velhinhos  
O pensamento incessante  
De divertir aos netinhos.

De divertir aos netinhos  
Tanto cuidam, que, também,  
Volvem de novo a levar  
A vida que os netos têm.

A vida que os netos têm  
Occupa tanto á velhinha,  
Que agora não passa mais  
Duma grande creancinha;

Duma grande creancinha,  
Que se entretém em forjar  
Passeios, brincos e jógos  
Em que não mais pode entrar.



## O DOCE DE BANANA

### I

Felix e Alberto eram dois irmãos de genios bem diversos.

Felix, o mais velho, era muito quieto, extremamente bondoso e tambem... dorminhôco. Alberto, pelo contrario, era muitissimo activo e intelligente; porém, em compensação, menos bom. E era de uma gulodice pasmosa para doces.

Uma vez, na ausencia de sua mãe, a cozinheira deixou na sala de jantar uma compoteira de doce de banana para esfriar.

O dia estava tão quente que o Felix, tendo concluído as lições, adormecera no sofá da sala de jantar.

Alberto não resistiu á tentação de provar o doce.

E, uma vez provado, foi comendo até se abarrotar. Só então reparou que a compoteira tinha ficado meio vazia.

— E agora, como hei de arranjar-me? Si Mamãe souber que fui eu, dá-me umas palmadas. Mas, si fosse o bomzinho do Felix, ella perdoaria com certeza. E' verdade que elle merece mesmo mais do que eu. Eu sou esperto como um *lobo*, elle é palerma como um *bobo*.

Pois sabem o que fez o Alberto?

Sabia que o irmão não accordava facilmente; já uma noite tinha cahido da cama sem despertar.

Alberto tirou uma colher da calda do doce e com cautela lam-

busou os dedos da mão direita e os cantos da bocca do Felix.

— Si elle despertar, digo que queria dar-lhe um pouco de doce.

Mas, qual! Felix, com aquelle calor, dormia como uma pedra.

## O DOCE DE BANANA

### II



Mal Alberto ouviu os passos de sua mãe na porta da rua, muscou-se para o quintal.

A senhora, dando com o Felix daquelle geito, foi examinar a compoteira. Despertou-o e perguntou-lhe que era aquillo então. Felix negou, dizendo que talvez o filho da cozinheira tivesse comido e depois lhe houvesse sujado a bocca, para que pensassem ter sido elle, Felix. A cozinheira, porém, garantiu que o seu

filho não fôra á sala. Consequencia: como a senhora entendia, e com razão, que aquillo não podia passar sem um castigo, pregou umas tres palmadas no Felix.

Este chorou a grande, por se ver punido tão immerecidamente. Mas não lhe passou pela cabeça que o auctor daquella arte pudesse ter sido o proprio mano.

— Será muito bom que o teu castigo fique nisso. Comeste tal quantidade que podes ter ainda uma formidavel indigestão. Tu, que nunca andaste mexendo em cousa alguma...

Felix foi procurar o filho da cozinheira.

— Você, então, comeu o do... do... doce e foi me lambu... busar a bocca, hein, Jo... Jo... José? disse elle, interrompendo-se com os soluços.

— Eu, Felix?! Ora, esta! exclamou o José, que era meio gaiato e

estava certo de que tinha sido o proprio Felix. Isto é engraçadissimo! Quem come não se mela e quem não come apparece melado!!

Felix, por causa desta resposta trocista, ficou convencido de que fôra o José; mas, como proval-o?

Alberto, ao voltar do quintal, ficou seriamente desapontado; estava certo de que o irmão seria perdoado. Mas, agora, achava que não valia a pena ir declarar: *fui eu*. Apanhava tambem e elle não se achava muito disposto a isso.

Felix ao jantar não queria comer. Estava envergonhadissimo. Sentia o olhar severo do pae e o olhar meio entristecido da mãe.

— Então, disse-lhe o primeiro, não comes? E' melhor! Si misturares todo o doce que comeste com o jantar, és capaz de morrer! Pois si até dormiste!

Alberto olhava furtivamente os paes e o coitado do Felix. Não tinha tambem a menor vontade de comer: sentia aquelle doce todo empanturrando-o. Comtudo, ia jantando á força, para não perceberem que elle estava sem appetite.

Ambos sentiram-se alliviados, quando se levantaram da mesa: Felix por livrar-se da vista dos paes, Alberto, por não ter mais que comer.

## O DOCE DE BANANA

### III



— Vamos, Felix, vamos brincar, convidou-o com meiguice o irmão.

Queria distrahil-o e tambem ver si, brincando, passava-lhe um aperto exquisito, que sentia na garganta.

Foram ambos para um caramanchão.

— Ah, Alberto! aquella José fez Papae e Mamãe ficarem agora suppondo mal de mim. Não viste si foi elle?

Alberto não lhe poudo dar resposta. Seu mal-estar tinha augmentado horrivelmente. De subito, abai-xou-se e vomitou o jantar e tam-bem... o doce de banana.

— Oh! foste tu, então!? Como ha de ser, si alguem vier aqui?

Alberto continuava a vomitar. Quando Felix viu que o irmão acaba-  
rá, foi buscar uma pá de terra e cobriu o que elle havia lançado.

— Que estás fazendo, Felix?

— Nada: cubro apenas isto, para que ninguem veja.

— E porque?

— Para que Mamãe e Papae não saibam que foste tu.

— Oh! Felix, como és bom! O que eu fiz não foi por maldade. Es-

tava certo de que Mamãe te reprenderia apenas.

— Tu me farias mal do mesmo modo, porquanto a repreensão é um castigo.

— Mas eu pensava que ella te perdoasse.

— Sim, mas se entristeceria e ficaria sempre duvidando de mim. Eu teria commettido a falta.

— Vou contar tudo a Mamãe, Felix, para que ella veja que só eu fui o máu. Ficaste mal commigo?

— Não gostei do que me fizeste, isso não. Perdôo-te, porém. Não contes mais nada a Mamãe. Ella, que tão triste ficou, ainda mais se aborreceria, si soubesse que tua falta era maior. Promette-me, apenas, não fazeres mais destas cousas.

— Prometto, Felix. Podes ficar descançado.

Abraçaram-se ambos e entraram.

Felix foi chamado pelo pae, que se poz a dar-lhe conselhos. Felix, de olhos pregados no chão, ouvia-o.

Alberto escapou da sala e foi procurar sua mãe. Narrou-lhe tudo, tudinho, sem omittir o que se passára no caramanchão. A senhora repreendeu-o, perdoando-lhe por fim.

— Não precisas mais aconselhar a Felix, disse ella ao marido, entrando na sala. Fiquei sabendo agora que, ás vezes, o *lambusado não comeu e o comedor não se lambusou*.

Por seu turno, contou ella ao marido a confissão de Alberto. Seu pae, depois de louvar a conducta de Felix, recommendou a Alberto que o tomasse por modelo.





## O PARAVENTO

— Leonor e Dagoberto, vamos brincar com a Manuelita? propoz Hilda, com uma boneca na mão, aos seus dois irmãosinhos. Eu faço de pagem: vou leval-a a passear. Quando eu voltar, vocês, que são os paes della, perguntam-me si ella não chorou, si não fez manha, si não tossiu, porque ella está com coqueluche. Não é isto que Mamãe perguntava, quando eu era pequenina e voltava dos passeios?

— Era, respondeu Leonor. Vamos.

— E nós vamos esperal-a á janella, accrescentou Dagoberto.

Emquanto Hilda se retirava da sala com a boneca, o menino collocou uma cadeira atraz de um paravento.

— Tropa na cadeira, Leonor. O paravento vae servir-nos de janella.

Dahi a pouco, fingindo voltar do passeio, Hilda entrava de novo na sala.

— Como se comportou, então, a minha filhinha? perguntou-lhe Leonor. Não tossiu não chorou?

Hilda, ajoelhando-se junto do paravento, para fingir que a janella



era alta, levantou a boneca para dal-a aos *paes*.

— Si tossiu, precisa tomar xarope, disse Dagoberto; si chorou, precisa apanhar uma palmada.

— Arre! que pae bravo! Qual palmada o que! Não consinto que ella apanhe! Pobresinha! tão doentinha! tornou Leonor.

— Mas, *minha mulher*, é de pequeno que se torce o pepino. Não ha nada como uma palmada em tempo, como o Papae diz a Mamãe.

Dagoberto, então, quiz tirar a boneca das mãos de Leonor, para dar-lhe a palmada. A consequencia foi elle encostar-se ao paravento, que cahiu, arrastando ambos sobre a coitadinha da Hilda e da Manuelita. Felizmente nenhum dos tres se machucou.

Hilda e Dagoberto puzeram-se a rir. Leonor, porém, ficou furiosa.

— Ahi está, *seu* Dagoberto! Você é sempre um brutinho! Onde já se viu um pae dar na filha, que chorou por estar doentinha?!

— Ora! era só para fingir!

— As cousas más não se fingem.

Leonor tinha razão. Por isso, o Dagoberto *entupiu*.

---

## A PONTINHA DA ORELHA

### I



No dia em que o Joaquim se matriculou na escola, os meninos puzeram-se a notar que elle tinha uma das orelhas cortada na pontinha.

Joaquim percebeu logo que estavam reparando nelle, e, por isso, no recreio, disse a um grupo:

— Olhem, sou de muito bom genio e não me zango por vocês rirem-se de mim. Mas, olhem lá que isso não se faz! Infelizmente bem o mereço! Quero mesmo que vocês se aproveitem do que me succedeu, para ouvirem melhor as recommendações de seus paes. Quando eu era menorzinho, do tamanho deste marotinho do 1.º anno—continuou elle, apontando um pequenito—eu era um peralta de *marca*. Talvez vocês todos juntos não sejam capazes de inventar o que me passava pela cachola e que eu punha mesmo em execução. Mamãe incessantemente me repetia: Joaquim, Joaquim, um bello dia, com esta tua peraltice, ainda te succede alguma! Toma cuidado!—Tão boa a Mamãe! Eu não a attendia bastante. Ficava quieto aquella hora. Dahi a pouco, não é que eu quizesse desobedecer, isso não, nunca, mas es-

quecia-me e lá estava outra vez a *pintar o caneco*. Eu era o maior irrequieto do mundo.

— Então, um dia, como não tinhas em que *reinar*, quizeste com certeza experimentar que gosto tem um cortesinho na ponta da orelha? perguntou um dos meninos.

— Não; não estava de todo maluco. Só estava quasi, como vocês vão ver. Ouçam-me lá.

## A PONTINHA DA ORELHA

### II



Uma vez fui cortar o cabelo. Foi cousa que nunca apreciei; nem mesmo hoje, que já sou bem quieto. Ter de ficar quasi meia hora com a cabeça parada, enrolado naquelle grande avental: *chi!* é uma cousa insupportavel! E aquelles cabellinhos a espetarem o peito e as costas da

gente?! E as cocegasinhas da machina e da tesoura no pescoço?!

Ora, o barbeiro estava a toda a hora: Pare, menino! Fique tranquillo!

Lá numa occasião, a tesoura, que não estava muito amollada, repuxou-me um pouco o cabello. Eu, que estava doidinho para virar-me, sacudi a cabeça bruscamente. Soltei um grito: a tesoura tinha apanhado esta orelha de tal fórma, que o pedacinho cortado cahiu no chão.

O cabelleireiro levou-me a uma pharmacia proxima, onde me applicaram uns pontos falsos e fizeram parar o sangue. Depois elle proprio conduziu-me á minha casa.

Pensei que Papae chamasse a policia para prendel-o. Pois, quando elle, acabando de contar a Papae como se dera o facto, pediu-lhe muitas desculpas, Papae, apesar de afflictissimo, respondeu-lhe:

— Eu, meu amigo, sou quem lhe pede desculpas por ter um filho tão irrequieto, unico realmente culpado do que aconteceu a elle proprio.

Vocês querem saber? Envergonho-me de ter a orelha assim. Mas, com a pontinha della, o barbeiro *cortou-me tambem a reinação*. Hoje, (vocês vão ver, quando me conhecerem melhor) sou bem quietinho.

E, apesar de brincar bem, o era.

## O CESTO DE FRUCTAS



Certa vez Lúlú quizera  
Para uma tia levar  
Algumas fructas colhidas  
Nas plantas do seu pomar.

Mas a mãe não consentiu,  
Por ver que todas estavam  
Feias, azedas, pequenas.  
Em summa, que não prestavam.

E lhe disse:—«Meu filhinho,»  
«Deve-se estar bem sciente»  
«De serem boas as fructas»  
«Para dal-as de presente.»

Algum tempo se passára,  
Quando uma tarde, a mãesinha  
Trouxe uma cesta de vime  
De lindas fructas cheinha.

«—Vae vestir-te, meu Lulú,»  
«Pois eu preciso que leves»  
«Este presente de fructas»  
«A' prima Alzira das Neves.»

«—Sim, Mamãe, vou apromptar-me.»  
Mas Lulú poz-se a mirar  
As bellas uvas e peras,  
Que não podia provar.

«—Ora, é verdade, *Mamãe*»  
«*Dsse-me, ainda outro dia,*»  
«*Que eu não devia mandar*»  
«*Fructas ruins á Titia.*»

«E' claro que agora devo»  
«Provar destas, para ver»  
«Si realmente são boas.»  
Foi pensar e foi fazer.



A mãe, ao voltar, encontra-o  
Comendo um resto da pera,  
Que, entre as outras, p'ra provar,  
Como mais bella escolhera.

«—Ora, filho, com effeito!»  
«—Não quiz levar sem provar;»  
«Sem certeza que eram boas.»  
«—Não ha tal! Tu vaes contar»

«Qual das cousas te levou»  
«A commetter esta acção:»  
«Si queres dar o bom,»  
«Si da gula a tentação.»

«Pensa, filho, e me responde.»  
«—Não preciso; vejo agora»  
«Que mais eu quiz enganar-me,»  
«Do que enganar á senhora.»

## AS BALAS



Abilio, tendo perdido seus paes, passou a ser educado por um tio, que tinha quatro filhos. A esses filhos, elle os fazia muito bomzinhos e amaveis.

Poucos dias depois de ter o Abilio vindo para a casa do seu tio, ganhou de um vizinho uma duzia de balas. Sentou-se a um canto e poz-se a chupal-as sósinho.

— Então, você não nos dá uma bala? perguntou-lhe um dos primos.

— E' boa! porque hei de dar, si são minhas?

— Pois aqui, quando um de nós tem alguma cousa, reparte com os outros.

— Pois está muitissimo bom! Quando você tiver balas, venha dar-me, respondeu o Abilio, continuando a chupar as suas.

Os primos ficaram admirados; mas, tambem, retiraram-se sem pensar mais nisto.

Algum tempo depois, a menórzinha de todos, a Susana, de 6 annos apenas, entrou com um pacote de balas na mão. Encontrou na sala os seus quatro irmãosinhos, Abilio e mais um vizinho. Susana deu uma bala a cada creança. Cada qual foi mais que depressa desembrulhando-a e pondo-a na bocca. Abilio, que fizera o mesmo, notou que a priminha

não ficára com nenhuma para si, pois tinha amassado o papel e o tinha atirado fóra.

— Você já chupou a sua bala, Susana?

— Não sobrou para mim, respondeu-lhe a pequena, com a maior naturalidade e sem pesar.

Abilio ficou espantado. A pouco e pouco, porém, convivendo entre essas creanças tão boas, foi modificando o seu proceder até igualal-as.

---

## A CARTA DE RAYMUNDO

*Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1905*

*Mamãe*

*Desejo que a senhora, Papae e os maninhos estejam bons.*

*O Rio está muito bonito. Ha passeios, ha ruas, ha casas, ha jardins, em que tenho von-*

*tade de ficar o dia inteiro. Apesar disso, sinto saudades de todos e de tudo dahi! Felizmente logo voltarei, não, Mamãe?*

*Ha já alguns dias, veio aqui uma mulher, com um filhinho doente, pedir esmola. Titia mandou-me dar-lhe um tostão. A creança, coitadinha, tossia muito. Perguntei à mulher porque não ia consultar um medico; disse-me que já o tinha feito, sem que nenhum tivesse conseguido curar a creança.*



*Então pedi-lhe que voltasse no dia seguinte.*

*Papae sempre fala num amigo d'elle, que tambem é medico, chamado Anselmo. Ora, aqui, bem defronte da nossa casa, mora um Dr. Anselmo, com quem Titia ainda não se dá, porque ella se mudou para esta casa ha dois mezes apenas.*

*Como tive muito dô da creança da pobre, fui falar com elle. Perguntei-lhe si se lembrava de Papae. Respondeu-me que não o conhecia. Fiquei tão envergonhado que desatei a chorar. Mas tanto elle me agradou que lhe contei ter ido lá com a tenção de pedir-lhe que examinasse o pobresinho.*

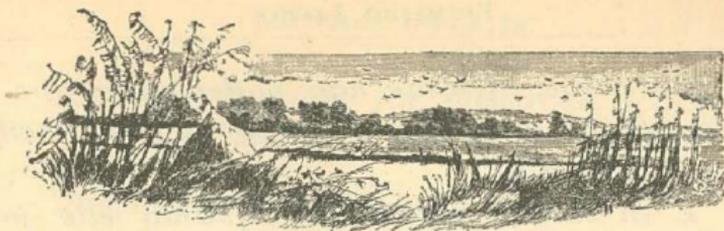
*Foi muito bondoso o Dr. Anselmo. Viu a creança e deu-lhe um remedio que quasi já a curou da tosse. Que velho bom! Ainda me fez ir brincar com os netos.*

*Mas, Mamãe, apesar de Papae ser muito bom com os pobres, talvez se zangue comigo. Ha de chamar-me de intromettido, ha de dizer que sou uma creança e que, por isso, deixasse os mais velhos cuidarem da pobre.*

*Mamãe, conte tudo a Papae; diga-lhe que eu pensei que este Dr. Anselmo fosse o amigo delle e arranje para elle perdoar-me, que não cahirei noutra.*

*Arranje, Mamãe. Si fór possível, maior bem lhe ha de querer o filho, que lhe pede a bençam,*

*Raymundo.*



## RESPOSTA A RAYMUNDO

*Rezende, 6 de Junho de 1905*

*Raymundo*

*Começo beijando-te, como costuma fazer pela manhã.*

*Vamos todos bem de saúde e do mais. O Silcio já está engatinhando. Guarany não te esquece. A's vezes, vae ao teu quarto e depois põe-se a fitar-me como quem me pergunta por ti. E' um excellente cãesinho!*

*Tua carta, meu filho, veio mostrar-me que vaes sendo tão caridoso como Rogerio. Não precisas de perdão: antes mereces louvor por tua bella acção, interessando-te pela saúde da creancinha pobre.*

*Bem vês aqui o que faz teu Pae. Quantas vezes, alta noite, estando elle proprio adoentado, levanta-se, sem se queixar, para ir ver*

*um pobre que, além de não poder pagar-lhe a visita, ainda precisa que elle lhe dê o dinheiro para o remedio.*

*E tu sabes, Raymundo, quanto elle fica satisfeito com as curas realizadas entre a gente pobre!*

*Não ignoras que nunca poude guardar um vintem: mas somos ricos de amizades, porque todos lhe querem, todos o respeitam, todos o veneram.*

*Que mais queremos?*

*E como conseguiu elle toda essa riqueza de amizades?*

*Fazendo muitissimas vezes o que fizeste, na medida de tuas forças, para o bem dos outros.*

*Podias ter encontrado um homem máu?*

*Era pouco provavel. Mesmo assim, tinhas tentado fazer o bem e devias ficar satisfeito contigo proprio.*

*Não foste intromettido, não, filho. Talvez, si não fosses tu, a creancinha morresse.*

*Beijo-te, meu filho, beija-te teu pae, beijam-te teus irmãosinhos, porque hoje, mais do que das outras vezes, mereces o nosso amor, mereces uma recompensa.*

*Teu pae, quando fôr buscar-te, irá agradecer ao Dr. Anselmo este serviço á pobreza.*

*Abençôa-te a extremosa mãe*

*Francisca.*

*Raymundo*

*Não te perdôo: louvo-te e ainda mais te quero.*

*Abençôo-te.*

*Teu pae*

*Rogério.*

---

## O SABIÁ

A's vezes eu fico triste,  
Bem triste, por já saber  
Que um dia tem de chegar  
Em que havemos de morrer.

Eu não queria morrer  
E nem que os outros morressem!  
Para que isso, dizei-me?  
Melhor fôra que vivessem

Os passarinhos, as plantas,  
As borboletas, a gente,  
Sem que a morte os assustasse  
De leval-os de repente.

A morte é uma cousa horrivel!  
Separa os filhos dos paes,  
Separa os bichos da gente,  
Para os não vemos jámais!

Eu era bem mais feliz  
Antes de ter de chorar  
O meu pobre sabiá,  
Que andava sempre a cantar!

Sem os seus cantos ouvir,  
Certa manhã despertei;  
Ergo-me, desço a gaiola:  
No fundo desta o encontrei,

Com o seu biquinho entre-aberto,  
Inteiriçado, cahido!  
Sem me chamar, tão sósinho,  
O pobre tinha morrido!

Mamãe um outro quiz dar-me;  
Eu não deixei que o comprasse.  
Para que? para de novo  
Rolar-me o pranto na face?

## UMA TRÓCA

### I



Mariano, ao chegar da escola, escreveu duas cartas. A primeira era a seguinte:

*Meu caro Theodoro*

*Mamãe acaba de contar-me que amanhã virás passar o dia inteiro commigo. Fulião tinha-me promettido a mesma cousa. Como vocês não se gostam, peço-te vires á tarde. Sinto realmente que, por causa do Fulião (que, entre nós, pouco presta),*

*eu me tenha de privar de brincar contigo também pela manhã.*

*Abraça-te o amigo, que muito te quer,*

*Mariano.*

Na segunda carta elle dizia:

*Prezado Julião*

*Convidei-te a passar aqui todo o domingo de manhã. Ora, o Theodoro mandou dizer que virá passar a tarde commigo. Sei que vocês não se dão bem. Dou-te toda razão, porque o tal Snr. Theodoro é um implicante (creio que só vem aqui para comer laranjas). Peço-te, por isso, que venhas de manhã. Não vás, porém, dizer nada disto a ninguem.*

*Abraça o teu affectuoso amigo*

*Mariano.*

O menino dobrou as duas cartas, enfiou-as em enveloppes, escreveu

sobre estes os endereços. Como tinha sellos, foi elle proprio pô-las em uma caixa do correio, proxima de sua casa.

## UMA TRÓCA

### II



No dia seguinte, pouco depois do carteiro chegar, o pae de Mariano chamou-o.

— Lê esta carta.

O menino leu o que vae abaixo:

*Mariano*

*Pela carta, que te devolvo, vejo que me achas bem máu. Conserva, pois, tua amizade com o Theodoro. Não precisas mais fingir que gostas de mim. Do menor creado,*

*Julião*

— Lê agora esta outra, disse-lhe o pae, extendendo-lhe a segunda:

*Mariano*

*Já que formas de mim tão má opinião, far-te-ei o obesequio de não ir mais á tua casa e mesmo de não te incommodar com o meu cumprimento. Do teu creado*

*Theodoro.*

*P. S. — Dentro desta vae tua carta ao Julião.*

Mariano, á medida que ia lendo a cartinha de Theodoro, foi empalidecendo.

— Então, meu filho?

— Não comprehendo, Papae, porque me fazem isto!

— Pois ainda não percebeste que enfiaste a carta de Theodoro no envelope que era para o Julião e vice-versa? Tua distracção revelou-lhes,

e a mim tambem, o teu máu proceder.

— Mas, Papae, eu gosto de ambos!

— Bem sei. Como sabias que elles não se dão, quizeste ser agradavel a cada um, desfazendo no outro. A consequencia foi perderes duas boas amizades e muito merecidamente. A melhor maneira de ser-lhes agradavel, ambos bons como são, seria obter que elles se reconciliassem.

---

## O ANNUNCIO

### I



Carolina contava já nove annos de idade e não sabia ler. E não era por estúpida, não; revelava, pelo contrario, ser bem viva. Mas era de uma indolencia

extrema. Além disso, a primeira dificuldade a fazia desanimar.



Sua mãe, para ver si ella se influa, já lhe havia comprado um lindo e carissimo album de leitura. Qual! a nossa amiguinha Carolina gostava muito de ver as estampas e de ouvir a mãe con-

tar-lhe as historias; mas das letras só sabia que umas lhe pareciam mais bonitas, outras mais feias.

Carolina tinha um amiguinho, muito estudioso, o Romeu, que tambem se empenhava, sem resultado, para que ella aprendesse. Mas, afinal, lá veiu um dia em que ella teve um grande desejo de poder ler.

Appareceu na cidade um cinematographo interessantissimo, ao qual o pae de Carolina a levou algumas vezes.

— Papae, o senhor leva tambem o Romeu?

— Não, senhora. Só se fôres capaz de ler o annuncio do ultimo espectáculo.

Carolina murchou: isso era impossivel, mal conhecia as letras!

No dia seguinte: tomou bem cedinho a cartilha de leitura e foi dizer a sua mãe que queria estudar. Deu muito bem a lição. Depois, levou o ultimo annuncio ao Romeu.

— Sabes, Romeu, Papae disse que não me levará mais ao espectáculo do cinematographo, emquanto eu não pudér ler o annuncio atrazado.

— Então minha vadia, *babau!* Podes perder a esperança de lá voltar; não quizestes aprender a ler...

— E', mas agora hei de aprender. Tu vaes auxiliar Mamãe, ensinando-me tambem um pouco na cartilha e sósinho a ler o annuncio. Começemos pela cartilha: vae buscar a tua cartilha velha.

E sentou-se ao lado de Romeu, que, de muito boa vontade e pacientemente, a foi ensinando.

## O ANNUNCIO

### II



Carolina deu umas duas lições da cartilha. Depois tanto fez o menino repetir-lhe o annuncio, que, por fim, tambem ficou capaz de repetil-o.

Voltando á casa disse ao pae que já sabia ler o annuncio.

— Vamos ver isso.

Carolina começou: *Hoje! Hoje! Grande espectaculo, proprio para*

*creanças. Scenas engraçadissimas...*  
 E foi por ahi afóra. O pae riu-se, porque estava vendo que Carolina apenas decorára. A's vezes ella estava apontando uma linha e lendo outra.

— Bem, Carolina, convida o teu camarada.

No domingo foram os dois ao cinematographo.

Quando regressaram á casa, o pae de Carolina disse-lhe:

— Hontem decoraste o annuncio; para a semana quero que o leias. Do contrario não levarei o Romeu: irás só.

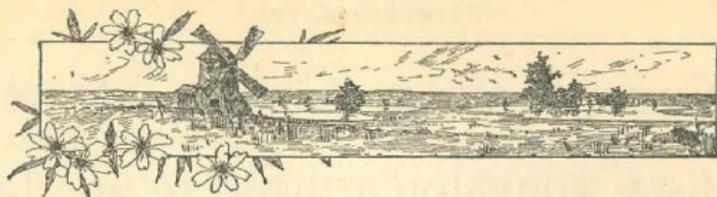
A menina, durante essa semana, dava duas lições a sua mãe e duas



a Romeu em cada dia. Apenas com o ultimo procurava ler o annuncio do espectaculo a que tinham ido. No domingo de manhã quasi conseguiu lel-o. De vez em quando, porém, o pae apontava-lhe uma palavra — *Aqui*. Carolina ora acertava, ora errava. Comtudo, tornaram a ir ao espectaculo.

O terceiro annuncio já a pequena leu quasi sem errar. Como tinha decorado muito bem os outros dois, quando não sabia como uma letra com outra fazia, ia procurar essa letra num delles e assim conseguia decifrar a palavra.

No quarto domingo leu o annuncio, lendo mesmo e não decorado. Eis como a sua amizade pelo Romeu fizera Carolina aprender a ler em um mez. Desde então tomou gosto pelo estudo.



## QUE PÓ DE ARROZ!

Diversas vezes a Iracema tinha insistido com sua mãe para comprar-lhe uma caixa de pó de arroz.

— Minha pelle é muito feia e toda cheia de sardas. Com o pó de arroz as sardas ficariam menos visíveis.

— Deixa-te disso, filha. E's bonita, mesmo com as sardas, e, como és boasinha, ninguem repara em teu rosto, mas, sim, em tuas virtudes.

A menina calava-se; era bem educadinha. Mas lá no fundo ficava-lhe um certo desejo.

Certo domingo foi á casa de uma prima já moça.

Esta convidou-a para ir ao Jardim Publico. Quando iam sahindo, Iracema voltou, foi ao quarto da prima e, não achando pó de arroz no porta-pó, abriu uma gaveta do toucador e numa caixa de pó de arroz molhou a pluma e passou-a no rosto.

No jardim, Iracema poz-se a brincar, satisfeitissima, com varias amigas, que lá encontrou. Mas, dentro de alguns momentos, começou a sentir no rosto uma cousa exquisita. Em vez do pó refrescar-lhe o rosto, como todos affirmavam, ella sentia como que a pelle encolher-se e um certo ardor.

Comtudo, ia aguentando, só para estar com pó de arroz.

O rosto, porém foi se tornando tão quente e tanto lhe ardia que, por fim, ella se decidiu a perguntar á

*prima si então o pó de arroz dava mesmo aquillo.*

A moça admirou-se muito da pergunta, mas, logo, batendo na testa:

— Ora, Iracema, chega-te para cá. Deixa-me cheirar-te esse pó. E' isso: trocaste a caixa e puzeste um pó para queimar frieiras. Noutro dia o medico receitou-m'o, porque eu estava com o pé ferido. Como a caixa, que veio da pharmacia, arrebentou-se, eu o puz numa caixa vasia de pó de arroz. Vamos lavar o rosto.

Iracema lavou, lavou quanto pode; tirou todo o pó, mas não pode tirar as queimaduras, que não só lhe tinham deixado o rosto vermelho, como tambem todo ardido.





## MEDROSO ?

### I

Alvaro sahiu emburradissimo da escola, porque nesse dia o Miguel lhe dera varios quináus.

Percebendo isto, Miguel foi pedir ao collega que não se zangasse com elle. Tendo sido interrogado pelo mestre, não havia de dar respostas erradas.

Em vez de Alvaro agradecer-lhe esta delicadeza, enfureceu-se mais e perguntou-lhe si, além de dar-lhe quináus, ainda vinha caçoar delle.

— Pensei que fosses melhor e mais delicado. Não merecias que eu me viesse desculpar de uma cousa, cuja culpa afinal não me cabe e sim a ti, que não estudaste bastante.

— Hein?! Repita, si fôr homem! gritou Alvaro fóra de si.

— Pensei para dizer: por isso, não retiro uma só palavra.

— Pois quebro-te os dentes a sóccos.

E Alvaro quiz atirar-se sobre Miguel. Os outros condiscipulos, porém, agarraram-no e Miguel achou melhor retirar-se.

No dia immediato, na aula, Alvaro encarava Miguel com tal animosidade, que o professor perguntou-lhe si o outro lhe fizera algum mal.

— Nada, Snr. Mestre, respondeu Alvaro.

— Elles brigaram, disse um dos meninos.

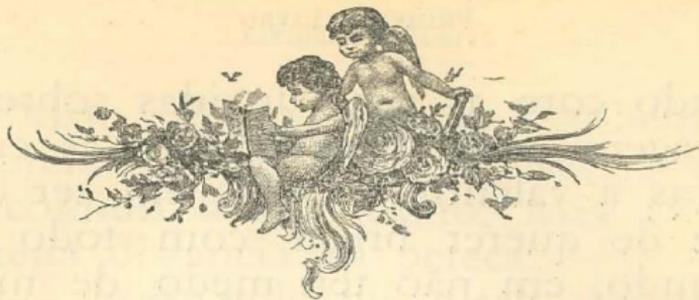
— Não, senhor, não brigámos, emendou Miguel.

— Porque és um poltrão, um cobarde, um medroso! gritou brutalmente o Alvaro, não podendo mais conter-se.

— Cale-se e de pé, Alvaro! disse o mestre, ordenando em seguida ao outro menino que contasse quanto se déra entre os dois.

— Pois, meus caros alumnos, neste caso, todas as censuras cabem a Alvaro, todos os elogios a Miguel. Elle foi o verdadeiro valente, porque teve a coragem de vencer os seus máus instinctos. Garanto, que si não fosse para brigar, seria o primeiro a atirar-se ao perigo. Alvaro, pede perdão ao teu bom collega e agradece-lhe o não ter querido brigar contigo.

---



## MEDROSO ?

### II

Algum tempo depois, na hora do recreio, os meninos jogavam peteca. Uns oito ou nove tinham formado uma roda e era só *paque, paque* e a peteca subia de um lado para outro. De vez em quando um delles errava e os outros punham-se com delicadeza a caçoar delle.

Na roda achavam-se Miguel e Alvaro, que já estavam bons amigos, pois o ultimo reconhecera ter procedido mal.

Mas, quasi todos os alumnos, apesar das palavras do mestre e de estimarem muito ao Miguel, tinham

ficado com as suas duvidas sobre a coragem d'elle. Porque para as crianças a valentia consiste em ser capaz de querer brigar com todo o mundo, em não ter medo de ninguém.

Ora nesse dia, um menino, com um tapa mais forte e desageitado, atirou com a peteca no quintal do vizinho.

— E agora?! exclamaram. Como ha de ser? Quem vai apanhar a peteca? Nesta casa a esta hora não ha ninguém. E no quintal está o cachorro bravo!

Um dos meninos trepou sobre os hombros de outro e espiou.

— Olhem! Olhem! Aqui perto do muro ha um caixão. A questão é o cachorro. Quem vae?

— Eu não! Nem eu! Não estou para ser mordido! Esperem por mim! foram dizendo varios meninos, inclusive o Alvaro.

Nisto Miguel poz-se tambem a espreitar sobre o muro: viu o cão encolhido a um canto, mas a pequena distancia da peteca.

— Pois, pulo eu, disse elle, que era dos mais influidos para a jogo.

— Ora! Ora! Ora! Você então tem coragem?!

— Veremos!

Miguel saltou o muro. Quando se ouviu o ruido de seu pé sobre o caixão, o cão ladrava e corria sobre elle. Miguel apesar disso, pulou do caixão, apanhou a peteca no chão, atirou-a e, quando o cão saltava no caixão, elle já estava sobre o muro.

— Viva! Viva o Miguel!

Alvaro correu-lhe ao encontro:

— Agora é que reconheço quanto foste valente em não brigares comigo.

Ao reencetarem as aulas, os meninos não se contiveram: narraram tudo ao mestre.

— Carradas de razão tinha eu em dizer-vos que Miguel era corajoso. Bem sabia elle que risco corria. Mas, de outra vez, esperem o dono da casa voltar, para pedirem a peteca. E' preferivel deixar-se de brincar a saltar-se sem licença em casa alheia e, ainda por cima, arriscar-se a ser mordido.

### TOLICE?



Ha dias já que eu estava  
Para contar um segredo,  
Mas não descobria a quem,  
Pois da Mamãe tinha medo.

E' um segredo bem simples,  
E' mesmo um segredo á tôa!  
Contál-o-ei á menina,  
Que me parece bem bôa.

Sabe o que é? Que a Mãesinha  
Anda um tanto adulateira  
Com esta sua creada,  
Lucia dos Santos Nogueira.



Acha-me acaso a menina  
Alguma linda tetéia?  
Nunca me veio, acredite,  
De ser bonita a idéia.

Pois a Mamãe, ha uns dias.  
Quando umas flores lhe dei,  
Taes quaes as que levo agora,  
Disse que eu era (pasmel)

Muito mais bella que as flores!  
Por pouco fico zangada,  
Pois pensei que me estivesse  
Tomando p'ra caçôada.

Mas não era. Percebi  
Que me queria agradecer.  
Com que fim? Eu não o sei;  
Rebusco em vão, sem achar.

Mamãe errou. Não errou?  
A côr, a fórmula, o perfume,  
Tudo o que é lindo na terra  
Só numa flor se resume.

Se a flor resume o que bello  
Ha por toda a natureza,  
Como é que eu que sou gente,  
Podia ter mais belleza?

Lá vae o segredo todo,  
Que afinal inda não disse:  
E' que Mamãe, pr'a agradar-me,  
Diz tambem sua tolice! (\*)

## SATISFACÇÃO DE UM DESEJO

### I

O chapéu de Sophia estava já bem descorado e velho. Por isso, sua mãe prometteu-lhe um novo.

Como D. Helena tinha dito que o compraria em Setembro, no principio deste mez, ao fazer as suas contas, chamou a menina.

— Sophia, teu pae disse-me que este mez tem muitos pagamentos e, por isso, não me póde dar o dinheiro para teu chapéu.

— E do que Mamãe tem de pagar não sobra nada?

— Não, minha filha.

---

(\*) Explique o professor que a mãe não havia dito tolice alguma.

— Está tudo nesta listinha, Mãe?

— Está, Sophia; podes ver.

A menina poz-se a ler até deparar o seguinte: *Pensão á D. Candinha — 20\$000*. Parou e ficou meditando.

— E si a senhora deixasse de dar este mez os vinte mil réis e no outro dêsse quarenta mil reis? Podia comprar-me o chapéu.

— E', filha: assim poderíamos compral-o, respondeu a mãe, continuando a costurar uma das camisinhas de Sophia.

A menina afastou-se.

— Mamãe, disse ella, voltando alguns minutos depois, não quero que a Senhora deixe de auxiliar D. Candinha este mez. Justamente no mez passado o filhinho della esteve doente e agora ainda está tomando remedio. Póde fazer-lhe falta. Deixa ver a listinha, Mamãe?

— Eil-a.

— Ah! Está aqui uma cousa: quinze mil réis para a lavadeira. Mamãe fica devendo; quinze mil réis já dão para um chapéu.

— Pois bem, filha, concordou a senhora.

Sophia ficou de novo parada. Depois proseguiu:

— Não, Mamãe; também não. A lavadeira pode precisar. Ganha tão pouco! A falta desta quantia, com a qual conta, pode atrapalhal-a. Não, da lavadeira, não. E'... não ha geito mesmo... Fica para o mez.

E Sophia, a pensar no chapéu velho, foi para o quarto.





## SATISFACÇÃO DE UM DESEJO

### II

Sophia abriu o guarda-vestidos de sua mãe e tirou o seu chapéu de dentro da caixa. Na verdade, já estava bem velhinho!

Por isso, passado um quarto de hora, voltou para junto da senhora e poz-se a percorrer varias vezes a lista.

— Ah! Achei! Achei! *Eureka!* *Eureka!* como diz Papae, quando acha as cousas. Está aqui: Mamãe não paga ao professor de piano do Arnaldo; deixa para o mez, que vem.

— Não filha, isso não posso. Ha apenas dois mezes que elle está

leccionando e, como não o conhecemos bem, precisamos pagar com pontualidade.

— E si Mamãe lhe dissesse para não vir este mez? Ficaria com 30\$000: gastaria 20\$000 em meu chapéu e sobriariam ainda 10\$000.

— Sim, isto póde ser, caso o Arnaldo queira.

Sophia foi procurar o mano e relatou-lhe o que pedira á mãe. Arnaldo era doido pela musica. Mas, como a viu com um immenso desejo de possuir um chapéu novo, accedeu promptamente.

— Pois não, maninha. Desde que é para satisfazer-te, estou prompto. Estudarei só.

— Você é muito bomzinho, respondeu Sophia, estalando-lhe dois beijos nas bochechas.

E ficou isto sendo certo para os dois irmãos.

Na manhã do outro dia, porém Sophia foi de novo procurar a mãe.

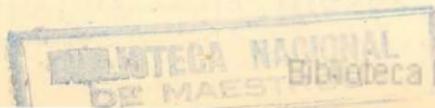
— Não quero mais que a senhora despache este mez o professor de Arnaldo. O chapéu ficará para mais tarde, pois, para tel-o já, preciso atrazar o estudo do mano.

E' que tinha comparado o seu proceder com o do Arnaldo.

— Bravo, filhinha, bravo! Fui accedendo a tudo quanto me pedias, por ter a certeza de que te arrepen-derias.

— E sabe porque, Mamãe? Porque não posso ficar contente, quando para me satisfazer, é preciso sacrificar os outros.

No mez seguinte um vistoso chapéu vermelho dava á nossa boa Sophia o mais vivo prazer.



# INDICE

	Pgs.
Prefacio ... ..	v
1. <sup>a</sup> A talha ... ..	7
2. <sup>a</sup> As bôlhas de sabão I ... ..	9
3. <sup>a</sup> » » » » II ... ..	11
4. <sup>a</sup> O incontentavel ... ..	14
5. <sup>a</sup> O carrinho I ... ..	18
6. <sup>a</sup> » » II ... ..	20
7. <sup>a</sup> <u>Como cae um gato... e um menino</u> ... ..	23
8. <sup>a</sup> O graphophone I ... ..	25
9. <sup>a</sup> » » II ... ..	28
10. <sup>a</sup> O cavallo e a boneca I ... ..	31
11. <sup>a</sup> » » » » II ... ..	33
12. <sup>a</sup> Por causa da bola ... ..	36
13. <sup>a</sup> A corrida I ... ..	38
14. <sup>a</sup> » » II ... ..	41
15. <sup>a</sup> » » III ... ..	43
16. <sup>a</sup> <u>A engommadeira</u> ... ..	46
17. <sup>a</sup> Curiosidade ... ..	49
18. <sup>a</sup> O lanche I ... ..	52
19. <sup>a</sup> » » II ... ..	54
20. <sup>a</sup> A boneca ... ..	57
21. <sup>a</sup> O anniversario de Lucia I ... ..	60
22. <sup>a</sup> » » » » II ... ..	62
23. <sup>a</sup> » » » » III ... ..	65
24. <sup>a</sup> <u>Ao deitar-se</u> ... ..	68
25. <sup>a</sup> O claque ... ..	70
26. <sup>a</sup> A viagem I ... ..	73
27. <sup>a</sup> » » II ... ..	75
28. <sup>a</sup> Eu queria ter cinco e cinco ... ..	78
29. <sup>a</sup> O surdo ... ..	81
30. <sup>a</sup> <u>Galopim</u> ... ..	84
31. <sup>a</sup> No barril ... ..	88

32. <sup>a</sup>	No balanço ... ..	91
33. <sup>a</sup>	Os cartõesinhos I ... ..	93
34. <sup>a</sup>	»       »       II ... ..	96
35. <sup>a</sup>	<u>A lavadeira</u> ... ..	99
36. <sup>a</sup>	<u>A lata de sardinhas</u> ... ..	103
37. <sup>a</sup>	Que tal! I ... ..	105
38. <sup>a</sup>	»       »       II ... ..	107
39. <sup>a</sup>	O Valente . ... ..	110
40. <sup>a</sup>	<u>A velhinha</u> ... ..	113
41. <sup>a</sup>	O doce de banana I . ... ..	115
42. <sup>a</sup>	»   »       »       II . ... ..	117
43. <sup>a</sup>	»   »       »       III . ... ..	120
44. <sup>a</sup>	O paravento ... ..	123
45. <sup>a</sup>	A pontinha da orelha I ... ..	127
46. <sup>a</sup>	»       »       »       »       II ... ..	129
47. <sup>a</sup>	<u>O cesto de fructas</u> . ... ..	131
48. <sup>a</sup>	As balas ... ..	134
49. <sup>a</sup>	A carta de Raymundo . ... ..	136
50. <sup>a</sup>	Resposta a Raymundo ... ..	139
51. <sup>a</sup>	<u>O sabiá</u> ... ..	141
52. <sup>a</sup>	Uma tróca I . ... ..	143
53. <sup>a</sup>	»       »       II . ... ..	145
54. <sup>a</sup>	O annuncio I . ... ..	147
55. <sup>a</sup>	»       »       II . ... ..	150
56. <sup>a</sup>	Que pó de arroz! . ... ..	153
57. <sup>a</sup>	Medroso? I ... ..	156
58. <sup>a</sup>	»       »       II ... ..	159
59. <sup>a</sup>	Tolice? ... ..	162
60. <sup>a</sup>	Satisfacção de um desejo I ... ..	165
61. <sup>a</sup>	»       »       »       »       II ... ..	168





NOVOS CADERNOS  
— DE —  
LINGUAGEM (\*)

(Com gravuras para descripções e composições)

ORGANISADOS PELO PROFESSOR

FRANCISCO VIANNA

Collecção de 10 cadernos — Preço de cada caderno 200 réis



Formato e especimen das gravuras.

*Cada caderno contém 24 paginas em branco (para exercicios quaesquer) e 8 intercaladas, com uma gravura ao lado, nitidamente impressa, propria, quer para construcção de sentenças (1.º anno), quer para descripção, quer para composição. Estas gravuras estão graduadas de accordo com a difficuldade do assumpto e da lingua-gem. Os presentes cadernos, por sua organisação, devem substituir os cadernos em branco, que se usam habitualmente para lingua-gem em geral.*

Editores

**Francisco Alves & C.**

(\*) Esta collecção tambem existe em blocos

# FRANCISCO ALVES & COMP. — Editores

Rio de Janeiro — S. Paulo — Bello Horizonte

## SÉRIES DE LIVROS DE LEITURA

### FRANCISCO VIANNA e MIGUEL CARNEIRO JUNIOR

Leituras Infantis — Leitura Preparatoria, 1\$500

#### FRANCISCO VIANNA

Leituras Infantis —	Primeiro livro . . . . .	1\$500
» » —	Segundo livro . . . . .	2\$000
» » —	Terceiro livro . . . . .	2\$000
» » —	Quarto livro . . . . .	(em preparação)

#### PUIGGARI-BARRETO

Primeiro livro . . . . .	1\$500	Terceiro livro . . . . .	2\$000
Segundo livro . . . . .	2\$000	Quarto livro . . . . .	2\$000

#### ARNALDO BARRETO

Cartilha analytica . . . . .	1\$500	Primeiras leituras . . . . .	2\$000
Cartilha das Mães . . . . .	1\$000	Leituras Moraes . . . . .	1\$500

#### JOÃO KÖPKE

Primeiro livro . . . . .	1\$500	Quinto livro . . . . .	4\$000
Segundo livro . . . . .	2\$000	Fabulas . . . . .	1\$500
Terceiro livro . . . . .	2\$000	Leituras Praticas . . . . .	1\$500
Quarto livro . . . . .	3\$000		

#### THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . . . . .	\$500	Terceiro livro . . . . .	2\$000
Segundo livro . . . . .	1\$000		

#### FELISBERTO DE CARVALHO

Primeiro livro . . . . .	1\$500	Quarto livro . . . . .	3\$000
Segundo livro . . . . .	2\$000	Quinto livro . . . . .	3\$000
Terceiro livro . . . . .	2\$500		

#### MARIO BULCÃO

Vida Infantil —	Primeiro livro . . . . .	1\$500
» » —	Segundo livro . . . . .	2\$000
» » —	Terceiro livro . . . . .	2\$000
» » —	Quarto livro . . . . .	(no prélo)